



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE HUMANIDADES  
UNIDADE ACADÊMICA DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA  
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA

**TRAJETÓRIAS E DISCURSOS DE POSSE DA PRESIDENTA (OS)  
BRASILEIROS (1990 - 2011): DISCURSO, GÊNERO, CLASSE E NAÇÃO**

**JOÃO PAULO BERNARDO DA SILVA**

**CAMPINA GRANDE  
2011**

**JOÃO PAULO BERNARDO DA SILVA**

**TRAJETÓRIAS E DISCURSOS DE POSSE DA PRESIDENTA  
(OS) BRASILEIROS (1990 - 2011): DISCURSO, GÊNERO,  
CLASSE E NAÇÃO**

Monografia apresentada a Unidade Acadêmica de História e Geografia do Centro de Humanidades da Universidade Federal de Campina Grande - UFCG, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciatura em História.

**Professor (a) Orientador (a): DRA. ERONIDES CÂMARA DE ARAÚJO**

**CAMPINA GRANDE  
2011**



Biblioteca Setorial do CDSA. Dezembro de 2023.

Sumé - PB

# JOÃO PAULO BERNARDO DA SILVA

Monografia apresentada em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_ com o conceito \_\_\_\_

## BANCA EXAMINADORA

---

Prof<sup>ª</sup>. Dra. Eronides Câmara de Araújo - UFCG

---

Prof<sup>ª</sup>. Dra. Regina Coelli Gomes Nascimento – UFCG

---

Mestrando Janaílson Macêdo Luiz - UFCG

**CAMPINA GRANDE**  
**2011**

## **DEDICATÓRIA**

**Dedico este trabalho a Deus minha fonte de inspiração, aos meus pais, irmãos, sobrinhos e amigos, pelo apoio, incentivo e ajuda constante em todos os momentos da minha vida.**

## AGRADECIMENTOS

*A Deus, cuja presença em minha vida em todos os momentos me faz uma pessoa destemida sem perder a força e a coragem para superar os obstáculos encontrados ao longo da minha caminhada.*

*A minha orientadora Eronides Câmara de Araújo, pela paciência e competência com que tão bem soube conduzir-me neste trabalho monográfico.*

*A minha Banca Examinadora, o meu respeito e admiração: a Janaílson Macêdo Luiz e a Regina Coelli Gomes Nascimento, professores respeitados pelo trabalho que executam junto ao ensino e produção histórica.*

*A todos os professores da Unidade Acadêmica de História e Geografia que passaram por mim durante minha vida acadêmica. Nilda, Regina, Marinalva, Alarcon, Clarindo, Roberval, Juciene, Gervásio, Lincoln, Rosilene, Benjamin, Celso, Cabral, Iranilson, José Otávio entre outros. Cada um de vocês contribuíram para o que sou hoje.*

*Aos meus pais, Euzébio Bernardo da Silva e Maria do Carmo Evaristo da Silva, pelo apoio e amor dedicados durante essa jornada.*

*Aos meus irmãos e irmãs, pela prontidão e afeto.*

*Aos amigos da Secretaria Municipal de Educação, pela compreensão.*

*A meu amigo Nildo, pelo incentivo, amizade e por me acompanhar nas horas difíceis na academia.*

*A Rosa e a Ana que sempre me receberam tão bem na Coordenação do Curso de História.*

*A todos os colegas e amigos conquistados ao longo do Curso na UFCG, que de uma forma ou de outra contribuíram para meu sucesso.*

*Agradeço também aqueles que me mostraram a outra face; os que me ofertaram falsidades e intrigas. Notei que dos atos mais injustos e desonestos podemos tirar grandes lições.*

*“Brilhante. Genial. Poético. Sutil. Leve.  
Delicado. Irreverente. Desrespeitoso. Divertido.  
Moleque. Transgressivo. Herético. Dissonante.  
Material. Sensual. Delicioso. Sedutor. Erótico.  
Profano.”*

*Tomaz Tadeu da Silva*

## RESUMO

Este trabalho analisa os discursos de posse da presidenta e dos presidentes brasileiros eleitos entre 1990 – 2011, a saber: Dilma Vana Rousseff, Luís Inácio Lula da Silva, Fernando Henrique Cardoso e Fernando A. Collor de Mello, segundo os pressupostos teórico-metodológicos de Michel Foucault. Sob a perspectiva de Foucault compreendeu - se o conceito de discurso como prática; na medida que tentei capturar metodologicamente as subjetividades dos discursos dos políticos buscando problematizar os projetos de continuidades e descontinuidades de desenvolvimento político, econômico e social descrevendo e analisando os recortes dos discursos de posse proferidos no parlamento do Congresso Nacional, Brasília – DF, pelos presidentes eleitos, que se manifestaram em oito dispositivos: trajetória de vida, formas de endereçamento, projetos de continuidade e descontinuidades, compromissos com a Nação, prioridades do governo, comprometimento com os programas sociais, participação das elites e ideologia da social democracia. Ficaram evidentes traços discursivos na fala de todos os pesquisados, bem como a busca por um discurso direcionador e prático, propiciando uma reflexão acerca da malha política e ideológica tecida nos bastidores do governo na busca de um país de “todos”.

**Palavras – Chave:** Trajetória – Identidade – Política – Discurso

## ABSTRACT

This paper examines the president's inaugural address and Brazilian presidents elected between 1990 - 2011, namely: Dilma Vana Rousseff, Luiz Inacio Lula da Silva, Fernando Henrique Cardoso and Fernando A. Collor de Mello, according to the theoretical and methodological principles of Michel Foucault. From the perspective of Foucault understood - the concept of discourse as practice, as I tried to methodically capture the subjectivity of the speeches of politicians seeking to question the designs of continuities and discontinuities of political, economic and social clippings describing and analyzing the discourses of possession handed down in the parlor of the National Congress, Brasilia - DF, elected by the presidents, which were seen in eight devices: the story of life, addressing modes, project continuity and discontinuity, commitment to the nation, the government's priorities, commitment to the programs social participation of elites and ideology of social democracy. Discursive traits were evident in the speech of all respondents, and the search for a driver and practical discourse, providing a reflection on the political and ideological woven mesh in the wings of the government in the search for a country of "all."

**Words - Key:** Path - Identity - Policy - Speech

## SUMÁRIO

1.INTRODUÇÃO.....	11
2.TRAJETÓRIAS POLÍTICAS, CONSTRUÇÕES IDENTITÁRIAS: O PERCURSO DE VIDA DOS PRESIDENTES ATÉ O PARLATÓRIO.....	14
2.1Dilma Rousseff: O mundo não era para debutante, mas para militante.....	15
2.2 Lula: De operário e Líder Sindical à Presidente da República.....	24
2.3 FHC: O Intelectual como Presidente.....	31
2.4 Collor: A trajetória de um sonhador.....	37
3.DISCURSO, GÊNERO, CLASSE E NAÇÃO: A CONSTRUÇÃO DE UMA IDENTIDADE REPUBLICANA NOS DISCURSOS PRESIDENCIÁVEIS.....	42
3.1Breves considerações sobre o conceito de discurso como prática metodológica e subjetividade entendido por Foucault.....	43
3.2. Análise dos Discursos de Posse dos Presidentes.....	46
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	61
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	63

## 1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho monográfico, que traz como tema “Trajetórias e Discursos de posse da Presidenta e dos Presidentes Brasileiros (1990 - 2011): Discurso, Gênero, Classe e Nação”, têm como objetivo apresentar as trajetórias e os pronunciamentos de posse dos presidentes que foram eleitos na República Federativa do Brasil, tendo em vista a problematização do processo de continuidade e descontinuidades dos projetos de desenvolvimento político, econômico e social que fundamentaram as identidades republicanas no período compreendido. Utilizamos, para tanto, os discursos dos presidentes Dilma Vana Rousseff, Luís Inácio Lula da Silva, Fernando Henrique Cardoso e Fernando A. Collor de Mello. Nessa ordem de apresentação, posto que, por questões metodológicas, optamos por empreendermos a análise em ordem inversa de mandatos.

Para isso, buscamos textos informativos divulgados no referido Jornal semanal da Câmara dos Deputados, publicados no Diário Oficial da União entre os anos de 1990 a 2011, a serviço do governo e da instituição, órgão da imprensa brasiliense e impresso no Distrito Federal.

Utilizamos como fonte primária o Jornal da Câmara dos Deputados, Folha de São Paulo, Folha Online, o Estadão entre outros. Essa mostragem foi pesquisada através do acesso a tais fontes, inicialmente por correio eletrônico, na sede do governo municipal de Assunção/PB, onde realizo meu trabalho rotineiro com interesse de defender a temática surgida pelo fascínio da literatura. Reiteramos que os textos selecionados a serem estudados e analisados nesta pesquisa foram escolhidos pela frequência com que os assuntos se apresentam nos meios de comunicação e pelo desejo de ter despertado durante o desenvolvimento de atividades ampliadas nas várias disciplinas ofertadas, no curso de Licenciatura em História da UFCG.

No entanto, em alguns momentos da vida acadêmica, tivemos a oportunidade de vivenciar uma prática mediada pelo poder do docente em articular o diálogo, reflexões sobre o conhecimento, acolhimento, cooperação entre outros fatores que nos impulsionaram a estudar com afinco a história

política do país. Oportunidades essas, que contribuíram significativamente para a aprendizagem e para a manutenção do interesse com relação à temática abordada. Utilizamos como marco teórico os estudos de Michel Foucault (1986) que forneceu lições de grande importância para nossa análise. Dentro dos objetivos desta pesquisa faremos uma breve análise da trajetória política histórica dos presidentes brasileiros.

No final da década de 1980 e início dos anos 1990, Fernando Affonso Collor de Mello, político tradicional é o primeiro Presidente eleito pelo voto popular depois de 25 anos pelos comandantes militares no poder e toma posse em 15 de março, em sessão do Congresso Nacional, para um mandato de quatro anos, instituído pela Constituição de 1988. Tendo seu governo marcado por denúncias de corrupção, foi afastado do cargo em outubro de 1992, renunciando em 29 de dezembro, pouco antes de o Senado aprovar seu impeachment. No mesmo dia, o vice Itamar Franco assume a vaga e é empossado formalmente pelo Congresso Nacional, em razão da vacância do cargo.

No ano de 1995, Fernando Henrique Cardoso, intelectual, é o segundo presidente eleito pelo voto e toma posse em 1º de janeiro, no Congresso Nacional. Com a aprovação da emenda constitucional que permite a reeleição, é novamente eleito em 1998, e toma posse em janeiro de 1999.

Em 2003, após ampla batalha, finalmente em 1º de janeiro, Luiz Inácio Lula da Silva, operário e sindicalista assume o cargo de Presidente da República, depois de disputar todas as eleições diretas desde 1989. Toma posse durante sessão conjunta do Congresso Nacional. E, em janeiro de 2007, assume pela segunda vez o cargo, após ser reeleito. Em 1º de janeiro de 2011 toma posse Dilma Rousseff, a primeira mulher a ser eleita para o cargo de Presidente em 121 anos de história republicana no Brasil.

A metodologia utilizada neste trabalho é análise dos discursos de posse dos presidentes, que apontaremos como uma prática que pode ser útil em investigações que adotam uma abordagem social e histórica. Enfatizamos nesta pesquisa os conceitos de: trajetória, identidade, gênero, classe e nação, com base nos presidentes em estudo e seus discursos de posse.

Ora, analisar os discursos dos presidentes da República na esteira dos escritos de Foucault consiste, diríamos, em encontrar maneiras de interpretar os enunciados como acontecimentos, acontecimentos que emergem no e pelo discurso, é visualizar o discurso como um acontecimento que possui uma dimensão de exterioridade, descontinuidade e atravessamento histórico (1996).

Em certa medida essa é, também, a dimensão que podemos atribuir à questão do sujeito a partir de alguns escritos de Foucault. Em nossa tomada de posição neste trabalho, vislumbramos o sujeito enquanto uma construção narrativa, incessantemente em elaboração, o sujeito é uma função desempenhada no discurso, sendo ele mesmo – o sujeito - uma narrativa.

Para melhor entendimento da nossa estrutura monográfica apresentamos no primeiro capítulo as trajetórias políticas, construções identitárias: o percurso de vida dos presidentes até o parlatório apresentando o que levaram cada indivíduo acima mencionado a chefia do Estado Nacional Brasileiro. Deste modo, se faz necessário fazer uma breve contextualização sobre as décadas de 1990 a 2011, destacando alguns acontecimentos que consideramos importantes para abrangência dos desdobramentos. No segundo capítulo analisaremos especificamente os discursos de posse dos presidentes da República do Brasil, problematizando e inferindo opiniões sobre os dispositivos para um melhor entendimento e interpretação da temática no vestígio dos escritos de Michel Foucault.

## 2.1. Dilma Rousseff: O mundo não era para debutante, mas para militante

Presidenta Dilma Vana Rousseff



Iconografia 1. Fonte: FILHO, Roberto Stuckert. Fotografia oficial da Presidência da República.<sup>1</sup>

Inicialmente, analisaremos a trajetória de vida da 36ª presidenta<sup>2</sup> do Brasil, Dilma Vana Rousseff, que foi eleita nas eleições de outubro de 2010 e assumiu a Presidência da República Federativa do Brasil em 1º de janeiro de 2011, na qual pela primeira vez na história uma mulher assume o governo do País.<sup>3</sup>

---

<sup>1</sup>Fonte: FILHO, Roberto Stuckert. Foto oficial da presidenta Dilma Vana Rousseff feita no Palácio da Alvorada no dia 9 de janeiro de 2011 pelo fotógrafo oficial.

<sup>2</sup>Uso da palavra "Presidente (a)". À medida que mulheres foram ocupando funções como as de ministra, governadora e deputada, por exemplo, a alteração do substantivo do masculino para feminino não levantou tantos questionamentos. Mas para presidente, qual seria a regra certa: a presidente ou presidenta? A norma culta da língua portuguesa acata as duas formas como corretas e aceitáveis. De acordo com o dicionário Houaiss (2009), "presidenta" é o feminino de presidente, embora seja menos usual. Já o dicionário Aurélio diz que a palavra pode ser usada no masculino e feminino, apontando "presidenta" como "esposa do presidente" ou "mulher que preside". Ou seja, a escolha seguirá critérios subjetivos e podem variar de acordo com a preferência da própria governante e de outros setores, como órgãos de imprensa e população em geral.

<sup>3</sup>Dados obtidos no endereço eletrônico da Presidência da República Federativa do Brasil. Disponível em: <[http://www.presidencia.gov.br/info\\_historica](http://www.presidencia.gov.br/info_historica)>. Acesso em 01 de jun. 2011.

## CAPÍTULO I

### 2. TRAJETÓRIAS POLÍTICAS, CONSTRUÇÕES IDENTITÁRIAS: OS PERCURSOS DE VIDA DOS PRESIDENTES ATÉ O PARLATÓRIO

O trabalho desenvolvido no decorrer de nossas pesquisas criou as condições necessárias para que pudéssemos, neste capítulo, traçar o percurso trilhado pelos personagens que alcançaram na trajetória de suas vidas políticas a Presidência da República Federativa do Brasil, entre os anos 1991 e 2011, a saber, Dilma Vana Rousseff – eleita para o mandato 2011-2014, Luis Inácio Lula da Silva – presidente da República entre os anos de 2003 e 2010, Fernando Henrique Cardoso – eleito para governar o país em 1995, reeleito em 1998 e encerrando seu mandato em 2002, e fechando nosso recorte temporal, Fernando Affonso Collor de Mello – eleito para exercer o cargo de presidente da República de 1990 a 1994, contudo, foi deposto do cargo em 1992 por meio de ‘impeachment’.

Sendo assim, tomamos por objetivo central deste capítulo uma apresentação acerca das trajetórias políticas que levaram cada indivíduo acima mencionado a chefia do Estado Nacional Brasileiro. Cabe alertar o leitor que não iremos nos deter sobre a figura do ex-presidente Itamar Franco, haja vista, este não ter chegado à chefia maior do Estado por vias eleitorais, mas pelo processo de cassação que depôs o então presidente Fernando Affonso Collor de Mello.

Desta forma, passamos a discorrer sobre as ‘trajetórias políticas’ e o enredamento discursivo que possibilitou a emergência de sujeitos multifacetados, capazes de assumir e/ou renegar identidades construídas para si e sobre si. Um movimento escorregadio, haja vista que essas posições, assumidas por esses sujeitos são muitas vezes desconectadas de seus contextos históricos – sociais.

Entendemos que para uma melhor compreensão, se faz necessário fazer uma breve contextualização sobre as décadas de 1990 a 2011, destacando alguns acontecimentos que consideramos importantes para abrangência dos desdobramentos que virão nos escritos seguintes.

A trajetória política de Dilma é, por ela mesma, retomada em seu pronunciamento de posse, na leitura realizada por si mesma de sua trajetória política na qual afirma:

[...] dediquei toda a minha vida a causa do Brasil. Entreguei minha juventude ao sonho de um país justo e democrático. Suportei as adversidades mais extremas infligidas a todos que ousamos enfrentar o arbítrio. Não tenho qualquer arrependimento, tampouco ressentimento ou rancor, disse: "Vou governar o Brasil com coragem e carinho. Quero cuidar do meu povo e a ele dedicar os próximos anos da minha vida".<sup>4</sup>

Observamos que a presidente Dilma usou a última parte de seu discurso para uma breve biografia e disse que [...] dedicou sua vida à causa do Brasil e que lutou contra a censura e a ditadura, em busca da democracia e dos direitos humanos (ROUSSEFF, 2011).

Nascida em Belo Horizonte, tem 63 anos de idade é divorciada, economista de formação e trilha há anos, atividades na seara política brasileira. Vinda de família de classe média alta, descendente de búlgaros, foi incentivada por seu pai a adquirir cedo o gosto pela leitura. A partir daí, aflora seu interesse pelos ideais socialistas durante a juventude. Logo após o Golpe Militar de 1964 que estabeleceu um regime ditatorial e perseguidor, o país passou a sofrer profundas modificações na organização política, bem como, na vida econômica e social.

Os primeiros passos da experiência política de Dilma se deram neste contexto de transformações e reinvenções dos vários espaços de sociabilidades; de acordo com a presidenta, este período tornou – se subversivo, segundo termos utilizados por Dilma em seu pronunciamento de posse<sup>5</sup>, foi um 'momento cruel da história do Brasil', marcado por numerosas revoltas beligerantes e políticas. A jovem Dilma havia percebido que o "mundo não era para debutante" que sua fantasiosa juventude de um mundo onde todos teriam direitos e deveres respeitados, cediam lugar a um cenário de desigualdades sociais e econômicas. Ela percebeu que, a partir de sua educação política, que o momento vivido destoava de seus pensamentos.

---

<sup>4</sup>ROUSSEFF, Dilma Vana. Discurso de Posse proferido no parlatório do Congresso Nacional, em 1º de Janeiro de 2011, Brasília-DF. Exercerá o mandato de 1º de janeiro de 2011 a 31 de dezembro de 2014.

<sup>5</sup> Ibidem, 2011, p.1.

Dilma, desencantada com a ocasião em que vivia, por não concordar com as leis vigentes da ditadura militar, resolveu engajar – se na luta em prol dos direitos e valores da Democracia Social.

O momento vivenciado pela jovem Dilma criou as condições de possibilidade para um deslocamento identitário, saía de cena a identidade de 'debutante' e entrava em destaque a de 'revolucionária', uma posição que se desprendia dos valores, dos códigos de comportamentos e posturas da época.

Dilma Rousseff traçava para si um novo lugar de fala, um novo 'modus operandi' que a colocava 'fora da norma', bricolava<sup>6</sup> seus sonhos e ideais em um novo conjunto de ações e falas. Dilma produz para si uma nova representação rompendo com as formas fixas de pensar os sujeitos, pois como bem discute Silva (2000: 79) [...] fixar uma determinada identidade como a norma é uma das formas privilegiadas de hierarquização das identidades e das diferenças. A normatização é um dos processos mais sutis pelos quais o poder se manifesta no campo da identidade e das diferenças.

Assim, a presidenta Dilma produzia uma nova identidade, nomeada de revolucionária, em que o país e alguns brasileiros que a cercavam testemunhavam seu poder de liderança que não se curvava diante das injustiças e desigualdades. Assim Mendes (2002: p.87) assegura: [...] a mulher na Presidência – que nada tem a ver com as magistraturas – põe em causa, também, todos os preconceitos residuais de estruturação social das classes trabalhadoras e do que seja o convencional dos valores que partilham dentro do sistema<sup>7</sup>. Ou seja, não é o valor somente da feminilidade, mas justamente da mulher em toda a sua resistência.

Entretanto, constatam – se novos interesses, novas maneiras de agir, colocando em prática os conflitos entre os valores de lugares nas relações de gênero, a mulher respaldando – se no novo modo de pensar e cada vez mais se apropriando de valores considerados como do mundo masculino,

---

<sup>6</sup>Tomamos de empréstimo a discussão de Michel de Certeau sobre o conceito de *bricolagem*, segundo o qual fazemos outras coisas com os cacos, os restos de si e daquilo que nos cerca. Traçando uma leitura própria dos escritos do historiador francês podemos dizer que Dilma sai dos 'padrões', foge ao binarismo e constrói para si um novo lugar de pertença, tomando como base seus ideais, suas vivências, mas sem que com isso possamos dizer que as cicatrizes de sua experiência anterior a estes eventos tenham sido descartadas. Michel de Certeau, *A Invenção do Cotidiano – Artes de Fazer*.

<sup>7</sup> MENDES, 2002: p.87

adentrando-se a espaços e utilizando discursos e posturas que até então dizia, respeito à figura masculina. No campo de batalha das posições de gênero, Dilma assumiu uma postura desviante as forças sociais que certamente atuariam para recolocá-la em 'seu lugar', afinal, as identidades são produtos de 'relações de poder', elas não são simplesmente definidas, são impostas, contudo, como bem afirma Silva (2000: 81) [...] elas não convivem harmoniosamente, lado a lado, em um campo sem hierarquias; elas são disputadas.

Segundo Apolo Heringer, que foi dirigente do Comando de Libertação Nacional (COLINA)<sup>8</sup> em 1968 e havia sido professor de Dilma na escola secundária, [...] a jovem fez opção pela luta armada depois que leu "Revolução na Revolução", de Régis Debray, um francês que havia se mudado para Cuba e ficara amigo de Fidel Castro. Para Heringer, "O livro incendiou todo mundo", inclusive a Dilma.<sup>9</sup>

Em atuação em 1969, a presidenta Dilma passou a tratar do arranjo dos grupos em que participava o COLINA e a Vanguarda Popular Revolucionária (VPR). Segundo companheiros de militância, ela tinha habilidade e grande capacidade de liderança, impondo-se perante homens intransigentes que tinham o mau hábito de atribuir suas opiniões desconsiderando os demais.

Dilma Vana Rousseff foi uma das líderes da organização clandestina do VAR – Palmares (Vanguarda Revolucionária Palmares). Usando vários codinomes, teria recebido epítetos<sup>10</sup> nos relatórios da repressão, os quais a definiam como 'um dos cabeças' dos esquemas revolucionários tendo sido considerada uma das molas mestras desses movimentos, ficando conhecida como a 'Joana d'Arc da subversão' justamente por chefiar greves e assessorar ofensivas.

---

<sup>8</sup>Organização à qual Dilma optou por filiar-se e no qual ficou caracterizada pela luta armada contra o Regime Militar em 1964.

<sup>9</sup>Texto de Luís Maklouf Carvalho. As armas e os varões: A educação política e sentimental de Dilma Rousseff. Piauí. Abril de 2009, nº 31, p. 22-31.

<sup>10</sup>De acordo com Houaiss (2009, p. 231), é a palavra ou expressão que se associa a um nome ou pronome para qualificá-lo; qualificação elogiosa ou injuriosa dada a alguém; alcunha, qualificativo.

Na prisão, Dilma teria sido torturada com palmatória, choques elétricos, socos etc. Segundo dados publicados no jornal Folha de São Paulo (2009)<sup>11</sup> [...] constam, em relatórios e depoimentos de policiais, que coube a Dilma conduzir o dinheiro, pagar salários de militantes e encontrar abrigo para os grupos que integrava. Ela nega qualquer envolvimento, afirmando nunca ter participado de ações militares ou de tê-las planejado, sempre se limitando a uma militância política.

Nesse sentido, as informações divulgadas pelo jornal Folha de São Paulo, a presidenta Dilma não teria participado diretamente das ações armadas, pois atuou apenas no campo público, fazendo contatos com sindicatos, tendo aulas de marxismo etc. Conforme ainda o observatório da imprensa Folha de São Paulo (2009) ela contesta, dizendo não se lembrar de ter participado de ações subversivas contra o Estado neste período e sua família desconhecia o grau de envolvimento com tais atividades.

Parece-nos claro a fluidez das posições assumidas por Dilma, negando a fixar-se em molduras pré-estabelecidas, ou mesmo requisitadas, concordamos com Silva (2000: p.11) quando afirma que [...] a identidade é marcada pela diferença, mas parece que algumas diferenças, neste caso, são vistas como mais importantes que outras, especialmente em lugares particulares e em momentos particulares<sup>12</sup>. Nessa esteira, as diferenças de espaços e cenários vivenciados por Dilma, metamorfosearam uma nova mulher que produzia identidades forjadas, fortes e decididas contradizendo comportamentos reproduzidos e pré – estabelecidos pela sociedade para cada sexo.

Assim sendo, de acordo com o processo de conscientização que começa com o conhecimento da formação de sua identidade social, desencadeada pela educação tida e alavancada pela sua família que podemos afirmar que suas identidades foram sendo construídas e reconstruídas, o que resulta em sua identidade social.

---

<sup>11</sup>Informações obtidas no Jornal *Folha de São Paulo*. "Para ficar ao abrigo de desmentidos", publicado em 12 de março de 2009, (29.229). Página visitada em 02 de junho 2011.

<sup>12</sup> Ibidem, 2000, p.11

Com o aspecto de revolucionária, detentora de um temperamento forte passou aproximadamente três anos em cárcere, onde teria passado por sessões de tortura. Chegou a ser condenada em alguns processos e absolvida em outros. Teve também seus direitos políticos cassados por dezoito anos. Em 2005, falando sobre suas atividades durante a luta armada, assegura:

Eu não vou esconder o que eu fui e não tenho uma avaliação negativa. (...) Tenho uma visão bastante realista daquele período. Eu tinha 22 anos, era outro mundo, outro Brasil. Muita coisa a gente aprendeu. Não tem similaridade o que acho da vida hoje (ROUSSEFF Apud CARVALHO, 2009, p.27).

Notamos que as relações de poder presentes naquelas circunstâncias foram invocadas como justificativa para as ações repressivas junto à população brasileira numa forma efetiva de uma política de nacionalização. É notório que a sociedade brasileira se viu diante de ameaças e forte repressão. O medo das pessoas de serem reprimidas era constante.

Seu companheiro e guerrilheiro Carlos Araújo, foi escolhido como um dos seis dirigentes da VAR-Palmares, organização esta que se definia como:

[...] uma organização político-militar de caráter partidário, marxista-leninista, que se propõe a cumprir todas as tarefas da guerra revolucionária e da construção do Partido da Classe Operária, com o objetivo de tomar o poder e construir o socialismo (ARAÚJO Apud CARVALHO, 2009, p.22).

Segundo escritos de Eduardo Kattah no jornal Estado de São Paulo (2008), Dilma se emociona em homenagem a vítimas da ditadura em conseqüência a onze ex-alunos da Universidade Federal de Minas Gerais mortos em decorrência do combate ao regime militar: [...] há uma perda intrínseca para o país quando (...) [é] perdida por morte (...) essa experiência de uma juventude que se jogou na luta democrática, [que] se jogou no combate para construir um país melhor (...).<sup>13</sup>

Com o retorno da instituição da democracia, Dilma viu-se livre dos desmandos do Estado militarista o qual chegou a mantê-la presa por acusação de subversão, tendo-a, inclusive, expulsado do país e impedindo-a de retomar os estudos na UFMG (Universidade Federal de Minas Gerais). Prestou vestibular novamente em 1977, tendo-se graduado em Economia pela

<sup>13</sup>Texto de Eduardo Kattah. *O Estado de São Paulo*. "Dilma se emociona em homenagem a vítimas da ditadura", publicado em 16 de setembro de 2008. Página visitada em 06 de jun. de 2011.

Universidade Federal de Porto Alegre e, logo em seguida, matriculou-se no curso de mestrado e, posteriormente, no doutorado, o qual não chegou a ser concluído por falta de tempo (motivada pelo fato de ter assumido cargos no governo gaúcho em 1999).

Resolvendo reconstruir sua vida, casou-se com o [ex] guerrilheiro e [ex] deputado Carlos Franklin Paixão de Araújo, construindo para si uma nova faceta de sua identidade social, nesse instante, a de esposa e “senhora da casa”. Dilma dá à luz Paula Rousseff Araújo, que é a única filha do casal. Cabe, contudo, alertar o leitor que estas novas posições assumidas por Dilma Rousseff, não são – e não foram – impedimentos para que ela – e seu esposo – continuasse participando ativamente de diversas campanhas eleitorais, mediante militância política.

Por conseguinte, o trabalho desempenhado por Dilma no governo gaúcho chamou a atenção do então presidente Luiz Inácio Lula da Silva, que a escolheu para comandar o Ministério de Minas e Energia durante o seu governo, gerando, naquela, grande surpresa com o convite. Assegurou Lula:

[...] começamos a discutir e percebi que ela tinha um diferencial dos demais que estavam ali porque ela vinha com a praticidade do exercício da Secretaria de Minas e Energia do Rio Grande do Sul. Aí eu fiquei pensando: acho que já encontrei a minha ministra aqui (SILVA Apud CARVALHO, 2009, p.26).<sup>14</sup>

Posteriormente, foi surpreendida por Lula que a nomeou ministra-chefe da Casa Civil. Ganhou destaque no governo Lula por sua eficiência, transparência e técnica prestigiada, mostrando-se detalhista e detentora de grande capacidade para ouvir, agir, reagir e interagir. Tais atributos levaram Dilma Rousseff à gerência do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC) durante o governo do Presidente Lula, o qual apelidou-a de “mãe do PAC”, tendo-a designado a ser responsável pelo dito programa em todo o país.

A então gerente do PAC passa a figurar como destaque no cenário político mundial, merecendo reiteradas citações em grandes jornais em âmbito nacional e internacionalmente os quais a indicavam como um forte nome à iminente sucessão presidencial. Lula chegou a referir-se à Rousseff como a

---

<sup>14</sup>Texto de Luís Maklouf Carvalho. Mares nunca dantes navegados: Como e por que Dilma Rousseff se tornou a candidata de Lula à sucessão presidencial. Piauí, nº 34, p. 26-33, publicado em julho de 2009. Acesso em 14 de Agosto de 2011.

“pessoa mais gabaritada” para sucedê-lo. A eminência da candidatura da então Ministra-Chefe da Casa Civil se confirmou no dia 13 de junho de 2010, mediante convenção nacional realizada pelo PT no Distrito Federal, em Brasília<sup>15</sup>. No jornal analisado observamos o então presidente justificando parte destas ações, como segue:

Escolhida por Lula para sucedê-lo, Dilma, de 63 anos, chegou à Presidência sem nunca ter disputado eleições. Em sua trajetória, merece destaque a militância contra a ditadura militar e o comando da Casa Civil e do Ministério das Minas e Energia no governo Lula (Primeiro discurso de cada mandatário revela a trajetória republicana do país, Jornal da Câmara, Ano 12, Janeiro, Edição Especial, nº 2.554, p.5).

Em uma breve retomada, sintetizamos que a militância política da presidenta Dilma foi marcada, inicialmente, por uma participação conturbada em organizações que defendiam a luta armada contra o regime militar. Ante os méritos alcançados em sua atuação política no governo Lula, chegou a ser escolhida pelo PT para a sucessão presidencial que se avizinhava logrando, enfim, uma vitória inédita, em toda a história do Brasil, ao tornar-se a primeira mulher, legitimamente eleita, a ocupar o posto máximo do Poder Executivo Federal: o de chefe de Estado e de Governo.

Em seu primeiro pronunciamento como presidente eleita do Brasil nas eleições de outubro de 2010, Dilma discursou nos seguintes termos:

Vou fazer um governo comprometido com a erradicação da miséria e dar oportunidades para todos os brasileiros e brasileiras. Mas, humildemente, faço um chamado à nação, aos empresários, trabalhadores, imprensa, pessoas de bem do país para que me ajudem (ROUSSEFF, Pronunciamento após vencer as eleições, em 31 de outubro de 2010).

Em seu discurso, diversos temas foram tratados: a valorização da democracia; as liberdades de imprensa e religiosa e, sobretudo; o reconhecimento da força das mulheres. Disse ainda, que seu governo iria manter a inflação sob controle; melhorar os gastos públicos, simplificar a tributação e otimizar a prestação dos serviços públicos à população.

A presidente eleita e o seu vice-presidente, Michel Temer, foram diplomados pelo poder judiciário e tomaram posse em 1º de janeiro de 2011,

---

<sup>15</sup>Informações obtidas no site:<<http://agenciabrasil.ebc.com.br>>. Página acessada em 06 de Setembro de 2011.

no plenário do Congresso Nacional, em Brasília-DF; foram empossados e leram, ambos, o mesmo termo de compromisso oficial de “manter, defender e cumprir a Constituição, observar as leis, promover o bem geral do povo brasileiro, sustentar a União, a integridade e a independência do Brasil”.

Segundo o jornal da Câmara (2011), a presidente Dilma declarou, em seu discurso de posse, o compromisso de erradicar a miséria no Brasil e de criar oportunidades para todos, enfatizando a importância da eleição de uma mulher para o cargo desejado e que esse fato abriria as portas para outras mulheres no futuro. Prosseguiu agradecendo ao ex-presidente Lula, fazendo menção especial ao ex-vice presidente da República, José de Alencar<sup>16</sup>, que não pôde comparecer à posse devido à internação hospitalar.

Finalizou seu pronunciamento lembrando que ainda era preciso uma longa evolução do país nos aspectos político e econômico, ressaltando também, a relevância do Brasil no cenário internacional. Comprometeu-se a aprofundar os programas sociais popularizados ou inaugurados durante o governo Lula, dizendo que, sob a égide de seu governo, “o Brasil continuará a crescer, com a inclusão social e mobilidade”, melhorando a vida dos desfavorecidos, um pouco mais abastadas.

---

<sup>16</sup>O *Batalhador* ou o *Forte*, por sua luta e força de espírito contra o câncer. Foi um empresário e político brasileiro. Foi senador pelo estado de Minas Gerais e vice-presidente do Brasil de 1 de janeiro de 2003 a 1 de janeiro de 2011. Foi um dos maiores empresários do estado de Minas Gerais. Construiu um império no ramo têxtil, sendo a Coteminas sua principal empresa. Elegeu-se vice-presidente da República do Brasil na chapa do candidato do PT, Luiz Inácio Lula da Silva, em 2003, conseguindo a reeleição em 2006, assegurando, portanto, a permanência no cargo até o final de 2010.

## 2.2. Lula: De Operário e Líder Sindical à Presidente da República

Presidente Luís Inácio Lula da Silva



Iconografia 2. Fonte: FILHO, Roberto Stuckert. Fotografia Oficial da Presidência da República.<sup>17</sup>

Prosseguindo em nossas análises, passamos nesse instante a analisar o percurso político-sindical tracejado por Luís Inácio Lula da Silva [o operário que, líder de partido político – o PT – passou a Presidente do Brasil], buscando à medida que nosso texto é construído apresentar ao leitor os antecedentes históricos do cenário político brasileiro, o qual Luís Inácio Lula da Silva se insere.

Em seu pronunciamento de posse entre os anos de 2003 e 2007, Lula diz:

Quando olho para a minha vida de retirante nordestino, de menino que vendia amendoim e laranja no cais de Santos, que se tornou torneiro mecânico e líder sindical, que um dia fundou o Partido dos Trabalhadores e acreditou no que estava fazendo, que agora assume o posto de Supremo Mandatário da Nação, eu vejo e eu sei, com toda a clareza e com toda a convicção, que nós podemos muito mais. (*Palmas.*) [...] Pela primeira vez, um homem nascido na pobreza, que teve de derrotar o risco crônico da morte na

---

<sup>17</sup>Fonte: FILHO, Roberto Stuckert. Foto oficial do presidente Lula feita no Palácio da Alvorada no dia 5 de janeiro de 2007 pelo fotógrafo oficial.

infância e vencer, depois, a desesperança na idade adulta, chegava, pela disputa democrática, ao mais alto posto da República. Pela primeira vez, a longa jornada de um retirante, que começara, como a de milhões de nordestinos, em cima de um pau-de-arara, terminava, como expressão de um projeto coletivo, na rampa do Planalto (SILVA, Discurso de Posse proferido no parlatório do Congresso Nacional, em 1º de janeiro de 2003-2007).<sup>18</sup>

O lugar de 'homem do povo' é construído por Lula como um de seus 'trunfos' políticos mais relevantes, suas falas – e nisso o discurso de posse corrobora, busca construir não uma identidade pessoal, antes um elo de identificação social, o que em nossa leitura seria não apenas os retirantes nordestinos, mas os inúmeros retirantes em seus próprios espaços de sociabilidade, verdadeiros 'sujeitos', 'indivíduos' e/ou 'pessoa' que se encontram 'fora do lugar', 'desterrados em suas terras'.

Luís Inácio Lula da Silva foi o 35º Presidente do Brasil, cargo que exerceu de 1º de janeiro de 2003 a 31 de dezembro de 2010, período de dois mandatos, cujas atribuições têm a característica de liderança internacional no contexto da América do Sul, que, de certa forma, impacta sua posição em âmbito mundial, dada a amplitude do comércio exercido na região.

Luís Inácio, Lula, da Silva, conhecido popularmente como Lula, é casado e nasceu em Caetés, interior do município de Garanhuns, Estado de Pernambuco. Militante, Político e atualmente com 65 anos de idade, carrega consigo os traços de um [ex] sindicalista e, agora, [ex] presidente da República brasileira.

Lula, forma hipocorística<sup>19</sup> de 'Luís', é seu apelido desde os tempos em que era representante sindical. Posteriormente, este codinome foi oficialmente adicionado ao seu título legal para poder representá-lo eleitoralmente. É co-fundador e ex-presidente de honra do Partido dos Trabalhadores (PT).<sup>20</sup>

<sup>18</sup>SILVA, Luís Inácio Lula da. Discurso de Posse no plenário do Congresso Nacional, em 1º de janeiro de 2003. Cargo que exerceu de 1º de janeiro de 2003 a 31 de dezembro de 2010.

<sup>19</sup>Conforme Houaiss (2009, p. 113), é uma modificação do prenome (ou qualquer palavra usada antroponimicamente), pela qual se designa carinhosamente a pessoa na intimidade.

<sup>20</sup>O PT é um partido de esquerda pluralista que emergiu do movimento sindical de 1970, que, principalmente na área industrial de São Paulo, lutou por meio de greves contra a ditadura. Nascia da urbanização do país, do crescimento industrial multiplicado nas suas linhas de ponta. Intelectuais de classe média, adeptos da teologia da libertação, membros de outros ex-partidos da esquerda, assim como os movimentos sociais (nível regional e nacional), se juntaram ao PT.

Sendo assim, destacamos fragmentos de sua biografia promulgada pela Presidência da República. Luís Inácio 'Lula' da Silva é o sétimo de oito filhos, oriundo de família humilde, sua convivência foi difícil na região Nordeste do país.<sup>21</sup>

Assim, conforme analisado por Mendes (2002):

O ícone Lula veio cedo demais. Mas só se o deve ao irretocável da fábula que a sua biografia tem, no grande sentido cívico da formação de um mito que cumpre todos os seus protocolos, na gestação de nosso panteão interior. O rapazelho de Garanhuns, tocado no pau-de-arara para a cidade vórtice, não chega apenas a São Paulo, como um Armagedon da espera. Ou a um vale final das rejeições e aceites de emprego, determinadas pela nossa prosperidade selvagem dos 60. Vai logo ao grande ABC, onde se assenta o definitivo pólo industrial brasileiro e nele a rápida maturação da nossa consciência operária [...] Lula, o sindicalista de bordão em punho, retornava ao portão das fábricas e à acolhida das esquinas, querendo, no reencontro, a costura infundável do aperto de mão e do olho no olho [...] Não houve mão que não chegasse a Lula, se porfiasse por isso, nas caravanas, nos *flashes* do abraço, no dom coloquial e do rosário dos afagos em tantas bodegas, postos de gasolinas, açougues e bilhares, do mambembe cívico e da conversa sem parar. De um Lula irritadiço ao fim do dia, de um praguejar ameno e previsível. Mas a aproximação vinga no reaprendizado incansável do contato diferente com cada um, repetidas as poses para as fotografias, o rabisco pela assinatura, o instante inefável que o candidato criava com mais afincos que a conversa com os cabos eleitorais, ou petições das portas de hotel (MENDES, 2002: p. 113).

De certa forma, notamos que o presidente Lula ao se deslocar com a família de Garanhuns tinha a certeza do emprego no Sul, mesmo a custa da fratura geográfica e social entre os dois Brasis. O apego que a população lhe devota possui várias raízes, começando por sua origem nordestina, migratória e operária, cruzando os laços afetivos estabelecidos na vida militante e sindical, que o alavancou para a carreira política até chegar à postura que assume a Presidência da República. O torneiro mecânico, ao contrário tem o seu mister e o seu saber-fazer definido. E exerce, ao mesmo tempo, a serviço de uma liderança que alicia, reúne e confronta. Entretanto, o ABC dos anos 70 no auge de um trabalho diferenciado e estável, ofereceria a Lula o mais autêntico lugar de origem para trazer, a todas as instâncias de um processo político, a gênese do operariado brasileiro no arranque industrial paulista. E,

<sup>21</sup>Para uma melhor compreensão de nossas considerações acessar: <[http://www.presidencia.gov.br/info\\_historica](http://www.presidencia.gov.br/info_historica)>. Presidência da República Federativa do Brasil - Biografia. Página visitada em 09 de junho de 2011.

mais que isso, permitindo a história inédita do direito de um operário de pretender e ganhar, em pleitos sucessivos, a Presidência da República.

De fato, Lula legítima sua trajetória vendo-a como figura ativa do processo de redemocratização do país, identidade muito importante no jogo político nacional na pós-ditadura, seja no meio social, seja na política propriamente dita. A eleição do presidente Lula simboliza muito esse novo panorama político nacional que vê na resistência a ditadura uma identidade em si.<sup>22</sup>

A eleição do candidato do Partido dos Trabalhadores (PT), Luís Inácio Lula da Silva, à Presidência da República, depois de três tentativas anteriores, representou uma mudança de caráter paradigmático no cenário social, econômico e político brasileiro, e também a confirmação de que a sociedade nacional deu enormes passos no sentido da consolidação democrática de seu sistema político e do estabelecimento de um quase consenso, emergente nas várias camadas da população, em torno da necessidade de uma transformação radical nas estruturas sociais da desigualdade e da injustiça que sempre marcaram essa mesma sociedade. De fato, pode-se dizer que a palavra-chave que guiou o candidato Luís Inácio Lula da Silva em sua campanha e que se transformou em um dos princípios inspiradores de seu governo, iniciado em 1º de janeiro de 2003, é o conceito de mudança (ALMEIDA, 2003).

Como presidente, Lula apresentou comportamentos que reforçam seu carisma: manter os compromissos intensamente difundidos em seus discursos de campanha; lançar programas e levar o ministério para conhecer a miséria no Nordeste; parar o carro para abraçar pessoas, dar autógrafos e esperar que tirem suas fotos; incorpora atitude descontraída, contra as recomendações da segurança, e desformaliza o poder presidencial. “No fim, mandatário obediente e político indisciplinado convergem para igual destino: o exercício do carisma” (CAVALCANTI, 2003: p. 53).<sup>23</sup>

---

<sup>22</sup>É de se notar que o discurso do ex-presidente Lula enfatiza muito mais sua trajetória de retirante nordestino do que sua luta contra a ditadura. Talvez isso aconteça porque o discurso da resistência seja um tipo de oratória que tem muito mais efeito nos setores médios. Ao enfatizar sua origem humilde talvez Lula queira ir além desses grotões de classe médias e altas.

<sup>23</sup>CAVALCANTI, 2003, p.53.

Ainda na apreciação de Cavalcanti (2003), o governo Lula seria um governo popular e não populista. Ou seja, o presidente tem um mandato que agrada ao povo; seu governo não encontrou simplesmente a tácita simpatia ou resignada aceitação. Tendo sido eleito com um discurso de esquerda democrática, o presidente tenderia a evitar o caminho do populismo e fazer o politicamente correto. Esta concepção, entretanto, é confrontada por diversos críticos que o rotulam como populista e assistencialista.

O presidente Luís Inácio Lula da Silva é uma personalidade contraditória no que se refere à popularidade, pois há os que o aprovem incondicionalmente e os que não se permitem dar-lhe ouvidos, afirmando que possui pouca formação e, por conta disso, apresenta uma inadequável retórica, apesar de suas mudanças consideráveis ao longo dos anos. Portanto, o carisma do ex-presidente do Brasil é inegável, a aceitação popular o comprova.

Em seu discurso de diplomação no Tribunal Superior Eleitoral, Lula afirmou: [...] E eu, que durante tantas vezes fui acusado de não ter um diploma superior, ganho o meu primeiro diploma, o diploma de presidente da República do meu país<sup>24</sup>. Segundo o jornal da Câmara (2011: p.5): Lula [...] tornou-se o primeiro líder de um partido de esquerda a chegar ao posto de chefe do Executivo. Foi também o primeiro operário, o primeiro civil sem diploma universitário e o primeiro natural de Pernambuco a exercer o cargo como titular.<sup>25</sup>

De fato, foram os setores universitários – a nova geração de eleitores – os estratos superiores da classe média profissional que ofereceram o primeiro apoio, fora das estruturas sindicais operárias de onde partiu, desde 1989, a candidatura do torneiro mecânico de Santo André. Nessa mesma classe trabalhadora, por paradoxo, entretanto, atuava mais a fundo o conflito entre identidade básica da candidatura e os preconceitos de apoio a um par seu para o exercício da Presidência. Faltariam à formação, o conhecimento, o traquejo ou a experiência no trato político para lidar com os estratos dominantes, seu cerimonial, suas pressões (MENDES, 2002: p.85). Na discussão desses

---

<sup>24</sup>Pronunciamento proferido na solenidade de Diplomação em dezembro de 2002, realizada no/pelo TSE (Tribunal Superior Eleitoral), Brasília – DF.

<sup>25</sup>Primeiro discurso de cada mandatário revela a trajetória republicana do país, Jornal da Câmara, Ano 12, Janeiro, Edição Especial, nº 2554, 2011.

aspectos, observamos que a formação universitária, continua como impedimento ao posto máximo, de saída, em muitas parcelas dos setores proletários que deveriam servir espontaneamente de impulso a sua conquista do Planalto.

O presidente Lula sempre foi uma personalidade polêmica, porém isto não o evitou chegar à Presidência da República e abismar a muitos com seus discursos estrategicamente elaborados, sobretudo na atual conjuntura, tornando evidente. Percebe-se que, no decorrer de sua presteza política, os discursos inicialmente simplórios, desprovidos de palavras rebuscadas e dificultados por uma péssima dicção, foram gradualmente melhorados ou substituídos por frases de efeito, gírias e dicção aperfeiçoada. Segundo Cavalcanti (2003), estes discursos, mesmo ainda sendo atacados por jornalistas, opositores, críticos e humoristas, levou multidões diante de palanques e às urnas, alcançando deste modo seu objetivo no quesito: “parcialmente aceito, completamente eleito”.

A campanha eleitoral de Lula apresentou, em 2002, um discurso moderado, prometendo a ortodoxia econômica, respeito aos contratos e ao reconhecimento da dívida externa do país, conquistando a confiança da maior parte do povo brasileiro. Finalmente, Lula foi eleito presidente do Brasil.

Nesse sentido, a eleição de Lula causou muita apreensão dentro e fora do Brasil a respeito de como seria a atuação do novo governo. Muitos esperavam um comportamento internacional baseado em visões ideológicas e um presidente despreparado. Mas o que se viu foi uma diplomacia dotada de sentido tático-estratégico, de visão de longo alcance. Apesar dos entreveros políticos, manteve papel de destaque no partido de esquerda brasileiro, e tornou-se um dos principais opositores no cenário da política brasileira.

Considerado como o ‘homem do ano’, tornou-se uma das pessoas que moldaram com “charme e habilidade política” o século 21, como também por ser “o líder mais popular da história do país”.<sup>26</sup> Recebeu honrarias e premiações pela sua atuação no meio ambiente, diminuição da pobreza,

---

<sup>26</sup>Texto de Michael Moore. Em nosso relatório anual questão TIME 100 chamamos as pessoas que mais afetam o nosso mundo. Disponível em; <[http://www.time.com/time/specials/packages/article/\\_html](http://www.time.com/time/specials/packages/article/_html)>. Página acessada em 07 de setembro de 2011.

redistribuição de renda e ações em outros setores com a finalidade de melhorar a condição mundial. Por suas intermediações em busca da paz no mundo, Lula permaneceu por oito anos como um dos 25 líderes mais influentes do planeta.

Em suma, em outubro de 2010 a candidata governista à presidência, Dilma Vana Rousseff foi eleita sem nunca haver disputado uma eleição, fato este que foi explicado por grande parte dos analistas pela transferência de votos de Lula, motivada pela ótima aprovação de seu governo. Lula tornou-se o primeiro presidente depois de Getúlio Vargas, a ter sucesso na indicação de um candidato que lhe sucederia. Outra proeza política do ex-presidente foi fazer o seu partido (PT) figurar no poder como o primeiro, desde a redemocratização, a permanecer por três mandatos consecutivos.

### 2.3. FHC: O Intelectual como Presidente

Presidente Fernando Henrique Cardoso



Iconografia 3. Fonte: Agência Brasil. Fotografia Oficial da Presidência da República.<sup>27</sup>

Aportamos nesse momento sobre a trajetória político-intelectual de nosso terceiro analisado, a saber, o governante Fernando Henrique Cardoso (FHC), vencedor das eleições de 1994, ano em que o país enfrentou uma recessão política e econômica, assumindo o governo da nação republicana no dia 1º de janeiro de 1995, e reeleito para mais um mandato em 1998, mandato que se estendeu até dezembro de 2002. Ele foi o 34º presidente eleito do Brasil.

Permitam que, antes do Presidente, fale aqui o cidadão que fez da esperança uma obsessão, como tantos brasileiros. Pertencço a uma geração que cresceu embalada pelo sonho de um Brasil que fosse ao mesmo tempo democrático, desenvolvido, livre e justo.<sup>28</sup>

Com o seu percurso de “homem público”, é notório em seu discurso que Fernando Henrique Cardoso desempenhou todos estes papéis: foi crítico,

---

<sup>27</sup>Fonte: Agência Brasil. Foto Oficial do Presidente da República Fernando Henrique Cardoso feita no Palácio do Planalto, 1994.

<sup>28</sup>CARDOSO, Fernando Henrique. Discurso de Posse no plenário do Congresso Nacional, em 1º de janeiro de 1995. Cargo que exerceu de 1º de janeiro de 1995 a 31 de dezembro de 2002.

legitimador, conselheiro e exerceu o poder. Se os três primeiros papéis são razoavelmente comuns na vida dos intelectuais com interesse pela seara política, o último é pouco freqüente. É pouco freqüente porque normalmente há, por parte deles, uma razoável dose de autoridade e/ou domínio no trato da realidade política.

Filho e neto de militares revolucionários, nasceu no Rio de Janeiro em 1931, atualmente viúvo, tem 70 anos de idade. É sociólogo e cientista político, [ex] Presidente da República. Entretanto, ficou conhecido popularmente como FHC. Radicado em São Paulo onde desenvolveu considerável carreira acadêmica, tendo produzido estudos sociais em nível regional, nacional e internacional, recebendo, por eles, diversos prêmios e menções honrosas.

É co-fundador e presidente de honra do Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB), o qual reunia vários próceres<sup>29</sup> políticos. Para Mendes (2002), o ideário social-democrata, que deu origem aos tucanatos, nasceu da visão crítica do neoliberalismo de André Franco Montoro<sup>30</sup>, de Mário Covas Júnior<sup>31</sup>, de José Serra<sup>32</sup> ou Fernando Henrique Cardoso. Portanto, coube a eles a condição de realizar a meta e o ideal originário do governo tucano.

O autor Reis (2006) descreve que, Fernando Henrique Cardoso,

[...] nasceu no Rio de Janeiro em 1931, filho e neto de generais, numa época em que, anos 1930-50, as Forças Armadas brasileiras não estavam ainda associadas à ditadura, à repressão

<sup>29</sup>Segundo Houaiss (2009, p. 124) homem importante em uma nação, classe, partido etc.

<sup>30</sup>Foi um político brasileiro e 15º governador de São Paulo entre os anos de 1983-1987. Formou-se em Direito e cursou Filosofia e Pedagogia, obtendo licenciatura. Foi professor universitário da PUC-SP e, ainda secretário-geral do Serviço Social da Secretaria de Justiça do estado de São Paulo e procurador do estado. Montoro foi uma das principais lideranças na luta pela redemocratização do país e da campanha pelas eleições diretas para presidente da República. Ao lado de Tancredo Neves e Ulysses Guimarães, esteve em todos os discursos e comícios pró-diretas, em 1984. Em 1988, descontente com os rumos do PMDB, foi um dos fundadores e presidente do PSDB. Candidatou-se ao Senado em 1990, perdendo para Eduardo Suplicy. Voltou a atuar como deputado federal entre 1995 e 1999, ano em que faleceu.

<sup>31</sup>Foi um engenheiro e político brasileiro. Foi o décimo-oitavo e décimo-nono governador do estado de São Paulo, entre 1 de janeiro de 1995 e 22 de janeiro de 2001, deixando o cargo em decorrência de um câncer que o acometeu, vindo a falecer no mesmo ano.

<sup>32</sup>É um economista e político brasileiro, filiado ao Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB). Possui Mestrado em Economia pela Escola de Pós-Graduação em Economia da Universidade do Chile, com segundo Mestrado e Doutorado em Economia pela Universidade de Cornell. Foi considerado pela *Revista Época* um dos 100 brasileiros mais influentes do ano de 2009 e de 2010. Atualmente é colunista do jornal O Estado de São Paulo. Serra já exerceu também os mandatos de deputado federal constituinte, deputado federal, senador e prefeito de São Paulo e os cargos de secretário de Planejamento de São Paulo, ministro do Planejamento e Orçamento e ministro da Saúde.

e à tortura, mas ao contrário, à luta pela libertação do povo brasileiro do seu terrível passado de opressão e exclusão, de violência e escravidão. Teve uma formação escolar regular, sem falhas; e basicamente brasileira: licenciou-se em ciências sociais (1952) e defendeu a sua tese de doutorado (1961) na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de São Paulo; depois, tornou-se professor auxiliar, assistente, livre-docente e emérito do Departamento de Sociologia da USP. Seu grande mestre foi F. Fernandes [...] Refere-se também, como sendo seus estimuladores e orientadores, a Roger Bastide, a Antônio Candido, aos seus colegas do Seminário de Marx e da Cepal [...] Ensinou e fez conferências em grandes universidades dos EUA (Berkeley, Stanford), da Inglaterra (Cambridge), da França (École de Hautes Études em Sciences Sociales, Nanterre, Collège de France) [...] Na América Latina, ensinou, visitou e fez conferências na maioria das universidades (REIS, 2006, p. 234).<sup>33</sup>

Notamos que F.H. Cardoso, filho e neto de generais, nasceu integrado às elites brasileiras, aprendeu a ser disciplinado, o que foi essencial ao seu sucesso nos estudos. Durante o regime militar, não fora preso nem torturado, preferiu o auto-exílio. Para ele foi um período paradoxalmente de muito sucesso e alegrias, enquanto o Brasil e as esquerdas amargavam a derrota e a violência da ditadura. O exílio alcançou apenas uma pequena parte da população brasileira, formada, sobretudo, por uma classe média intelectualizada. Livre - docente lecionou em alguns países da Europa, EUA e América Latina e como professor, no entanto, ou visitante, ou conferencista, ou homenageado, as referências internacionais do seu currículo impressionam. Portanto, o presidente F.H. Cardoso foi um 'excepcional cientista social', um intelectual brasileiro reconhecido e admirado em âmbito nacional e internacionalmente.

Para uma análise mais consistente, Reis (2006: p.238) diz: [...] F.H. Cardoso será um dos brasileiros mais contundentes e sofisticados do regime militar e do milagre brasileiro [...] Tornando-se o centro crítico do Brasil sob a ditadura. No entanto, a sua análise do regime militar surpreendia as esquerdas com relação ao 'fascismo' instalado no poder. Para Fernando Henrique Cardoso, a ditadura militar não era fascista ou totalitária, mas um 'regime autoritário' que favorecia o crescimento econômico e a modernização. Esta postura de FHC como intelectual no exercício militante do papel de crítico do poder vigente no Brasil na época do regime autoritário-militar é coeso com o

---

<sup>33</sup>REIS, 2006, p.234.

que tinha sido a sua identidade de acadêmico pesquisador, de sólida formação sociológica. Fernando Henrique Cardoso deixa em seu plano a sua identidade de 'cientista político' e passa à 'ação política', construindo em si uma nova caricatura de identidade social.

Não é por outra razão que, com inteligência e precisão que Francisco Weffort<sup>34</sup> no discurso de saudação por ocasião da outorga a Fernando Henrique do título de Professor Emérito, ao traçar o perfil da personalidade intelectual e discutir a trajetória da sua obra, qualificou o sociólogo:

[...] embora mais um aluno do que um discípulo, o define como um "intelectual das personalidades difíceis ou complexas", como analista de uma época em que é muito difícil ter ou manter uma identidade social, cultural ou político linear e transparente, tal a velocidade das mudanças. A personalidade de F.H.Cardoso, insinua Weffort, seria assim também, indefinida, imprecisa, imprevisível, complexa e difícil. Ele tem a sensibilidade da mudança – capta, registra e analisa com agilidade o tempo histórico, o que vem a ser e deixar de ser. Seus conceitos são complexos: "burguesia e Estado", "anéis burocráticos", "internacionalização do mercado interno"... Procura realizar uma análise integrada da realidade social, abordando-a em sua complexidade, heterogeneidade, multiplicidade, e transitoriedade, sem submetê-la a esquematismos, determinismos, unilateralismos (WEFFORT Apud REIS, 2006, p.236).

Ao longo de sua história e de sua configuração brasileira, estas modificações ficaram cada vez mais evidentes. Nesse sentido, observamos que Weffort não esconde a sua admiração e o define como um virtuoso das idéias, um pensador crítico e autocrítico. A sua teoria da dependência, ele mesmo, a retomou e rediscutiu frequentemente, jamais saiu ao debate. F.H. Cardoso defende o engajamento, mas com clareza na análise. Utiliza-se de seu método e a dúvida, redescobrimos os significados originais das teorias e das lutas sociais. F.H. Cardoso se tornou um cientista social engajado, lutando

---

<sup>34</sup>Francisco Weffort é muito mais conhecido por sua atuação como ministro da Cultura do governo Fernando Henrique Cardoso do que por seus trabalhos como cientista político e professor universitário. Ele tem, porém, uma passagem marcante como analista e estudioso do Brasil moderno. Seus livros, ensaios e artigos, sempre versando sobre política e a construção de uma cultura e de um país democráticos, mostram as articulações de um autoritarismo endêmico que implantou seus alicerces no Brasil, resultando nas práticas corporativas que todos conhecemos e que paralisam qualquer esforço de democratização. Weffort estuda também fenômenos como os do populismo — essa mão dupla entre grupos dominantes que se promovem usando o apoio das massas de "dominados" —, explicitando as condições em que este pode-se instalar e se perpetuar. Como toda obra de cunho político, trata-se, em primeiro lugar, de produzir ferramentas que possibilitem a compreensão do Brasil dentro de sua complexidade, passo fundamental para a consecução de qualquer transformação.

pelo retorno a democracia, mas sem abrir mão da lucidez na análise (WEFFORT, 1995).<sup>35</sup>

Portanto, Celso Lafer<sup>36</sup> em seu artigo FHC: “O Intelectual como Político” (2009) que Fernando Henrique em livro recente, *Cartas a um jovem político*, publicado em 2006, no qual traça didaticamente a sua experiência e reflete sobre os temas de interesse [...] para quem queira entrar no vasto mundo da política, registra: [...] Eu me sinto mais professor e intelectual do que político, no sentido que se atribui normalmente à palavra “político”.<sup>37</sup> E, como também em “A arte da política: a história que vivi”, igualmente publicado em 2006, e que é um extenso relato da sua vida política e do seu governo permeado por inúmeras digressões teóricas.

O livro “O presidente segundo o sociólogo” (1998)<sup>38</sup> é fruto de uma abrangente entrevista concedida ao jornalista e escritor Roberto Pompeu de Toledo. Publicado em 1998, portanto antes da bem-sucedida eleição para o segundo mandato presidencial de FHC. O autor observa que, no seu explicar presidencial, o professor FHC enfrenta o desafio intelectual representado pela dialética da complementaridade entre teoria e prática, pensamento e ação, razão e vontade, que constituem as grandes dicotomias configuradoras do tema das relações entre os intelectuais e o poder. Na lida com estas dicotomias observamos que não é epistemologicamente fácil ser, ao mesmo tempo, sujeito e objeto de análise.

Portanto, é isso que radica na sua obra e na sua personalidade intelectual, que o predispôs, em “O presidente segundo o sociólogo”, por meio do desdobramento funcional acima mencionado, a ser um empenhado analista-

---

<sup>35</sup> WEFFORT, 2007.

<sup>36</sup>É um jurista, autor, professor e diplomata brasileiro. Formado pela Faculdade de Direito - USP, com doutorado em Ciência Política, livre-docente em Direito Internacional Público na USP (1977) e professor titular de Filosofia do Direito desde 1988. Foi ainda ministro do Desenvolvimento, Indústria e Comércio e ministro das Relações Exteriores em duas ocasiões, nos governos de Fernando Collor e no de Fernando Henrique Cardoso, além de embaixador do Brasil junto à OMC, e embaixador do Brasil junto à Organização das Nações Unidas (ONU). Atualmente, é coordenador da área de Concentração de Direitos Humanos da Faculdade de Direito da USP, presidente do Conselho Deliberativo do Museu Lasar Segall, membro do GACint, ligado ao Instituto de Relações Internacionais da USP e co-editor da revista *Política Externa*.

<sup>37</sup>CARDOSO, 2006.

<sup>38</sup>CARDOSO e POMPEU, 1998.

observador da sua própria ação de uma realidade na qual, como presidente, era ator político protagonista.

Deste modo, é um caso singularíssimo na história brasileira, e pouco freqüente no cenário internacional: o de um grande intelectual, de forte e reconhecida presença no mundo universitário do país e do exterior, que não foi apenas influente no espaço público da vida nacional, mas exerceu efetivamente o poder na cúpula do sistema político de um país da escala e complexidade do Brasil, de 1995 a 2002.

O jornal analisado e as obras estudadas destacaram que, FHC foi considerado o “Pai do Real”, quando a frente do Ministério da Fazenda no governo de Itamar Franco. Na luta contra a inflação, a sua postura de cientista político, livre-docente e criador do plano Real representou, para milhões de brasileiros letrados e participativos, esperanças efetivas de competência, confiabilidade, moralidade e dignidade. Na cerimônia de posse, no Congresso Nacional, reafirmou compromissos de campanha e disse que sua eleição representou uma “opção clara dos eleitores pela continuidade do Plano Real”.

## 2.4. Collor: A trajetória de um sonhador

Presidente Fernando A. Collor de Mello



Iconografia 4. Fonte: Agência Brasil. Fotografia Oficial da Presidência da República.<sup>39</sup>

Discutiremos, agora, sucintas considerações sobre o cenário político vigente à época do [ex] presidente Collor de Mello, representante maior do Partido da Renovação Nacional – PRN, tendo sido o primeiro presidente brasileiro eleito pelo voto popular. Sua construção político – identitária é por, ele mesmo, assim descrita:

Filho e neto de político, trago no sangue o sentimento da vida pública como dever e como missão. Não viver da política, mas viver para a política, como nobre forma de servir à comunidade: eis o lema com que me dediquei à vida pública, inspirado em meus maiores anseios e sintonizado com os valores de minha geração.<sup>40</sup>

Fernando Affonso Collor de Mello foi eleito o 32º Presidente do Brasil em 1989, tomando posse em 15 de março de 1990 no plenário do Congresso Nacional, após uma ‘formidável’ disputa com o candidato da esquerda, Luís

---

<sup>39</sup>Fonte: Agência Brasil. Foto Oficial do Presidente da República Fernando A. Collor de Mello feita no Planalto, em 1990 -1992.

<sup>40</sup>MELLO, Fernando Affonso Collor de. Discurso de Posse no plenário do Congresso Nacional, em 15 de março de 1990. Cargo que exerceu de 15 de março de 1990 a 31 de dezembro de 1992.

Inácio Lula da Silva, governando até 1992 quando deposto do cargo mediante 'impeachment' resultante de desmandos políticos, crise que passamos a analisar logo abaixo.

Filho e neto de político, nasceu no Rio de Janeiro, hoje com 62 anos de idade, casado, viveu parte de sua infância e juventude em Brasília – DF em razão da carreira política do pai. Constrói em torno de si a identidade de político, jornalista, economista, empresário e escritor brasileiro.

Fernando A. Collor de Mello concluiu seus estudos secundários na nova Capital Federal, onde estudou e bacharelou-se em ciências econômicas. Ingressou na carreira política filiando-se junto a Aliança Renovadora Nacional (ARENA) ocupando os cargos de prefeito (ao qual renunciou após ter sido nomeado em 1982) e deputado federal. Enquanto deputado votou a favor das "Diretas Já" em 1984. Foi governador de Alagoas em 1986 recebendo destaque na imprensa nacional ao empreender perseguições contra funcionários públicos que recebiam salários exorbitantes, passando para a história política como o "caçador de marajás".

Graças a essa postura de "guardião da moralidade", Collor fez uso de uma elaborada estratégia de marketing focada nos temas que mais preocupavam a população<sup>41</sup>. Seu discurso reproduzia o que diziam os institutos de pesquisa variando-o conforme as conveniências políticas. Combateu a corrupção e a vertiginosa taxa de inflação, por exemplo, sempre visando à disputa da presidência, o que deixou de ser mera cogitação e passou a ser intenção real.

Fiel a sua estratégia rumo ao Palácio do Planalto, buscou discutir todas as mazelas e descabros político-administrativos que assolavam o país naquele momento, postura que o levaria a deixar o partido e a ingressar no Partido da Renovação Nacional (PRN). A partir desse deslocamento, sua figura passou a condição de alternativa de 'retorno a uma moralidade política', com as eleições daquele ano, cujo panorama apontava nomes de esquerda como

---

<sup>41</sup>A campanha do então candidato do PRN apontava na direção de um governo que pretendia colocar em cena "planos de modernização econômica e de reforma administrativa, questões que para aquele contexto soava muito bem, de forma geral". bem recebidos. As elites políticas e empresariais apoiaram a desregulamentação da economia e a redução da intervenção estatal no setor.

preferidos do eleitorado, o candidato Luís Inácio Lula da Silva enquadrava – se nessa posição.

Renunciando ao governo de Alagoas, Collor iniciou as articulações para a formação de uma chapa viável de modo a compensar a debilidade de sua origem política. Durante a campanha cerrou seu discurso no combate à corrupção e aos altos índices de inflação apontando como inepto o governo de José Sarney<sup>42</sup>, chegando até a classificá-lo como "corrupto, incompetente e safado", o que lhe custou um direito de resposta no horário eleitoral e um processo por calúnia, injúria e difamação, mas nada que impedisse sua ascensão ao primeiro lugar nas pesquisas de opinião.

Sua performance o credenciou a receber o apoio do espectro político conservador. A sociedade civil também se manifestou: o candidato do PT recebeu o apoio majoritário da classe artística e intelectual, dos sindicatos, dos movimentos sociais organizados e do MST (Movimento dos Trabalhadores Sem Terra) em contraposição ao suporte maciço dado ao candidato do PRN.

Paralelamente a isso, associou o adversário ao comunismo. A retórica de Collor ganhou consistência quando houve a queda do Muro de Berlim em 1989. Em meio a essa efervescência o candidato do PRN repetia à exaustão seu plano de governar para os "descamisados" e os "pés descalços" (numa alusão ao eleitorado mais humilde) de modo a fugir do estigma de "candidato da elite".

Partindo dessa reflexão, o Brasil foi marcado profundamente pelos embates em torno da solidificação do discurso e das práticas políticas que postulavam a ideologia neoliberal como saída para a então crise que assolava

---

<sup>42</sup>É um político e escritor brasileiro, membro da Academia Brasileira de Letras, tendo sido o 31º Presidente do Brasil, de 1985 a 1990, Governador do estado do Maranhão de 1966 a 1971, e Presidente do Senado Federal na atualidade. Bacharelou-se em Direito. Ingressou na política como suplente de deputado federal pela UDN (União Democrática Nacional). E, como um dos líderes do grupo progressista da UDN, defendia entre outras bandeiras, a reforma agrária no início dos anos 60. Em 1964, fez oposição ao golpe militar que depôs o presidente João Goulart, tornando-se um dos principais representantes políticos do regime militar. Com a instituição do bipartidarismo, em 1965, aderiu ao partido governista a Arena (Aliança Renovadora Nacional). Em virtude do falecimento de Tancredo, assumiu a presidência no dia 15 de abril de 1985. O período de governo foi marcado por medidas econômicas de combate à inflação e pelo estabelecimento de uma nova Constituição. Promulgada em 5 de outubro de 1988, a Carta, considerada a mais democrática da história brasileira, estabeleceu eleições diretas em dois turnos para presidente, governador e prefeito.

o país. Inserida nesse contexto, e em meio às querelas eleitorais de 1989, a agenda neoliberal assumiu papel de destaque e acabou polarizando a sociedade brasileira.

Nesse sentido, abertas as urnas, o candidato do PT chegou a liderar parte da apuração, entretantes, o país votou maciçamente em Collor de Mello, que venceu, enfim, as eleições. O governo Collor teria uma duração de dois anos e meio sendo que seu titular assumiu a presidência tornando-se o mais jovem político a assumir esse cargo na história brasileira.

O governo do PRN foi lastimável, pois acabou ante uma monumental crise no Estado a qual estava atrelada a uma série de máculas por fraudes, corrupção, tráfico de influências, desvios de verbas etc. Collor acabou sendo acusado de “crime de responsabilidade”.

De acordo com Bueno (2003: p. 411), o presidente Collor de Mello [...] venceu e iniciou seu governo com o confisco das contas correntes e da poupança de toda a sociedade brasileira e apresenta um ousado programa de estabilização da economia, o “Plano Collor” que não logrou êxitos significativos<sup>43</sup>. Com o fracasso do Plano a inflação agrava a recessão, a qual vinha sendo fermentada desde a década anterior. Porém, em 1992, acusado por seu próprio irmão de envolvimento em esquemas de corrupção, fraudes entre outras, o presidente foi investigado por uma Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI). Enquanto isso, os “caras pintadas”<sup>44</sup> saem às ruas exigindo o “impeachment” de Collor, o qual renunciou e teve seus direitos políticos cassados por oito anos, assumindo o vice, Itamar Franco.

Ao fim deste percurso que buscou apresentar os trajetos assumidos por cada presidente da República Brasileira entre os anos de 1990 e 2011, pôde-se perceber como no decorrer de cada carreira trilhada inúmeras posições de sujeito foram sendo construídas e assumidas por cada um dos presidentes analisados, figuras que ora afirmavam suas identidades, ora renegavam

---

<sup>43</sup>BUENO, 2003, p.411.

<sup>44</sup>Caras-pintadas foi o nome dado aos jovens e estudantes que, em agosto e setembro de 1992, pintaram o rosto de verde e amarelo e organizaram passeatas pelo impeachment do então presidente Fernando Collor de Mello. Para uma leitura crítica do movimento que entrou para a História do Brasil como “os Caras- Pintadas” ver Luiz Felipe O. Franceschini, Marajás E Caras - Pintadas: A Memória Do Governo Collor Nas Páginas De *O Globo*. Disponível em: <[http://www.achegas.net/numero/doze/luiz\\_felipe\\_12.htm](http://www.achegas.net/numero/doze/luiz_felipe_12.htm)>. Texto acessado em setembro de 2011.

aquelas construídas pelos veículos de informação presentes em contextos variados da experiência política nacional. Sonhos – um tanto utópicos- de debutante e operários, construções sustentadas nas ciências sociais, imagens atléticas – e porque não pirotécnicas – foram sendo construídas, desconstruída, retomadas quando preciso esquecidas quando necessário, essas e muitas outras facetas foram aos poucos dando forma ao mosaico que apresentamos nas linhas acima.

No próximo capítulo buscaremos analisar as múltiplas construções presentes nos Discursos de Posse dos Presidentes da República brasileira por nós apresentados neste capítulo, suas construções e desconstruções, na medida do possível, tomando os nortes analíticos expostos por Michel Foucault entre outros.

## CAPÍTULO II

### 3. DISCURSO, GÊNERO, CLASSE E NAÇÃO: A CONSTRUÇÃO DE UMA IDENTIDADE REPUBLICANA NOS DISCURSOS PRESIDENCIÁVEIS

Neste capítulo objetivamos analisar os discursos dos presidentes da República Brasileira entre 1991 e 2011 a fim de dá visibilidade a uma série de temas que pronunciados por estes dão a ver cada um a seu modo um projeto de nação, a construção de uma identidade para a República.

Partindo do pressuposto de que a identidade nacional é uma narrativa, lançamos mão dos procedimentos metodológicos da análise do discurso como o percebemos no interior dos escritos de Michel Foucault e de alguns de seus principais interlocutores no Brasil.

Certamente, o leitor mais familiarizado com os escritos do filósofo francês perceberá que Foucault o qual trazemos pára o interior de nosso trabalho diz respeito ao Foucault da fase Arqueológica em que o discurso é tomado enquanto prática, onde os objetos e os sujeitos são construídos no discurso, ou dito em outras palavras, como estes são apresentados como função desempenhada no discurso.

Após breve incursão pelo pensamento do filósofo francês, discutindo, sobretudo, a noção de discurso enquanto prática e a produção da subjetivação. Desta feita, partiremos para uma análise mais detida de nosso corpus documental problematizando alguns fatos que consideramos importantes para compreensão dos desdobramentos nos escritos sobre o contexto - histórico da política brasileira para construção de uma identidade republicana, faremos emergir 'acontecimentos discursivos' que apagadas suas diferenças dão a ver uma coerência e homogeneidade nos discursos de posse que constroem um projeto de nação, desde as "formas de endereçamentos" passando pelos "compromissos assumidos com a Nação" até chegarmos às ideologias da social democracia.

### **3.1 Breves considerações sobre o conceito de *discurso como prática metodológica e subjetividade* entendido por Foucault**

“Que é o discurso em sua realidade material de coisa pronunciada ou escrita”? O leitor que percorreu a *Ordem do discurso* (1998) deve ter se deparado com essa questão que Michel Foucault pronuncia após breves considerações iniciais.

Uma questão que emerge a título de inquietação sob essa atividade cotidiana ‘poderes e perigos que a sociedade mal se imagina’ (1998), uma questão seguida, no entanto, por uma indagação que faz tremer aqueles que, ainda hoje, pensam o discurso pronunciado como uma instância transparente e que ao ser interpretado deixa ver o real cotidiano, questão que é enunciada por Foucault nos seguintes termos: “Mas, o que há, enfim, de tão perigoso no fato de as pessoas falarem e de seus discursos proliferarem indefinidamente?” (1998).

O objetivo desta seção é apresentar ao leitor os usos que levamos a cabo no decorrer de nossas reflexões ulteriores dos procedimentos metodológicos que na esteira do que nos foi deixado pelo filósofo francês Michel Foucault aplicamos às análises dos discursos de posse dos presidentes eleitos da República Federativa do Brasil, no recorte temporal que se inicia no ano de 1991 e se estende até o corrente ano de 2011.

De forma mais detida pretendemos neste instante de nosso trabalho apresentar ao leitor breves considerações sobre o conceito de discurso enquanto prática nos escritos de Foucault, bem como, de forma um tanto imbricada, a dimensão da subjetivação presente nesta prática.

Pretendemos por em ação nas análises abaixo uma reavaliação dos discursos pronunciados no ato de posse de cada presidente a fim de ao recortá-los apresentar uma de série de elementos, de problematizações que em nosso olhar constituem pertinências ao todo de nossa proposta. Como afirma Foucault em sua *Arqueologia do Saber* (1986):

[...] por uma mutação que não data de hoje, mas que, sem dúvida, ainda não se concluiu, a história mudou sua posição acerca do documento: ela considera sua tarefa primordial, não interpretá-lo, não determinar se diz a verdade nem qual é seu valor expressivo, mas sim trabalhá-lo no interior e elaborá-lo: ela o organiza, recorta, distribui, ordena e reparte

em níveis, estabelece séries, distingue o que é pertinente do que não é, identifica elementos, define unidades, descreve relações (p.7)

O leitor perceberá mais abaixo que a divisão deste capítulo em temas constituirá um todo orgânico que ganha sua inteligibilidade no rearranjo levado a feito por nós, dando visibilidade – e mesmo materialidade- ao objeto que nos propomos construir. Tal estratégia de trabalho possibilita-nos apresentar nosso objeto, histórico, bem como os sujeitos que emergem como efeitos de construções discursivas, rompendo com uma prática que até pouco tempo tomava os objetos e os sujeitos “como pontos de partida para a explicação das práticas sociais” (RAGO, 1995: 71)

Ora, foi com a “Arqueologia do Saber” (1986) que Michel Foucault levou a termo sua concepção do discurso enquanto prática, tal dimensão podemos visualizá-la a partir da passagem da obra em que o autor afirma:

[...] na medida em que é possível constituir uma teoria geral das produções, a arqueologia – como análise das regras características das diferentes práticas discursivas – encontrará o que se poderia chamar sua teoria envolvente (p. 52-53)

A prática historiadora, na esteira dos escritos de Foucault busca abandonar a postura segundo a qual “conhecer seria revelar o objeto” (RAGO, 1995: 74) atravessando a densidade discursiva e encontrar aquilo que se manteria silenciosamente aquém dele, uma empreitada que visava “interpretar o discurso para fazer dele uma história do referente” (FOUCAULT apud RAGO, 1995: 74). Na leitura praticada por Rago sobre Foucault este “propõe um deslocamento fundamental para o procedimento histórico, propondo que se parta das práticas para os objetos e não o inverso”, o que podemos afirmar era a prática dos historiadores, e o ainda é entre algumas vertentes. Para Foucault, o que fazem os enunciados discursivos é exatamente produzir objetos de que enunciam, assim como os sujeitos.

Ora, analisar os discursos dos presidentes da República na esteira dos escritos de Foucault consiste, diríamos, em encontrar maneiras de interpretar os enunciados como acontecimentos, acontecimentos que emergem no e pelo discurso, é visualizar o discurso como um acontecimento que possui uma dimensão de exterioridade, descontinuidade e atravessamento histórico (1996).

Em certa medida essa é, também, a dimensão que podemos atribuir à questão do sujeito a partir de alguns escritos de Foucault. Em nossa tomada de posição neste trabalho, vislumbramos o sujeito enquanto uma construção narrativa, incessantemente em elaboração, o sujeito é uma função desempenhada no discurso, sendo ele mesmo – o sujeito - uma narrativa.

Compartilhando da leitura de Rago (1995) acreditamos que a concepção de história agenciada, por assim dizer, em Michel Foucault é apresentada a partir de uma profunda crítica a concepção de sujeito, seja ela iluminista em que o sujeito é concebido como um indivíduo totalmente centrado, unificado, e de ação cujo centro consistia um núcleo interior, que emergia com o nascimento e permanecia uno por toda a vida, seja a concepção do sujeito sociológica em que o sujeito reflete a complexidade do mundo moderno e a clara consciência de que este núcleo não era autônomo e auto-suficiente, antes era formado a partir de relações com outras pessoas, mesmo assim possuindo uma unidade (HALL, 2004: p 24-33).

Em contraposição a essa postura da teoria clássica do conhecimento, Foucault irá propor questões outras à história, em que operacionalizará com a ideia de objetivação e subjetivação, segundo o qual a primeira evidencia a “constituição de domínios de objetos”, e a segunda “dos modos através dos quais os indivíduos se produzem e são produzidos numa determinada cultura, através de determinadas práticas e discursos, enquanto subjetividades” (RAGO, 1995: 76-77) grifo nosso.

Podemos afirmar que Michel Foucault se propôs dá visibilidade ao que ele mesmo anuncia em certa momento como uma “hermenêutica do si”<sup>45</sup>, ou como apresenta Rago uma “Ontologia de Nós mesmo”, segundo os argumentos de Rago a problemática que tomou as obras de Michel Foucault foram na verdade a “produção do sujeito, sua sujeição, e posteriormente as formas de subjetivação por ele encontradas” (1995: 76). Tal postura podemos constatar a partir de uma fala do próprio Foucault proferida na 1ª Conferência de A verdade e as formas jurídicas:

---

<sup>45</sup> Fazemos referência ao curso proferido por Michel Foucault no ano de 1982 no collége de France transformado em livro com o nome de “Hermenêutica do sujeito”, 2004.

[...] Seria interessante que tentássemos ver como se produz, através da história, a constituição de um sujeito que não está dado de antemão, que não é aquilo a partir do que a verdade se dá na história, mas de um sujeito que se constitui no interior mesmo desta e que, a cada instante, é fundado e refundado por ela. [...] Isto é, em minha opinião, o que deve ser levado a cabo: a constituição histórica de um sujeito de conhecimento através de um discurso tomado como um conjunto de estratégias que formam parte das práticas sociais (Foucault apud RAGO, 1995: 77)

O leitor atento perceberá que Foucault inaugura uma concepção de sujeito segundo o qual este é sempre uma construção discursiva na e pela linguagem, uma posição social e cultural historicamente construída tendo em vista as práticas discursivas que são postas em circulação na contemporaneidade.

Acredito que o leitor se encontre nesse instante minimamente instrumentalizado com as ferramentas que o possibilite visualizar o percurso que daqui por diante iremos trilhar a fim de dá visibilidade a um feixe de temáticas dispersas no interior dos discursos de posse dos presidentes da República Brasileira, ora o que buscamos realizar nesta seção como já pronunciado acima, foi tecer breves considerações sobre o conceito de discurso como prática metodológica e a noção de subjetividade tal como diluída na trajetória de Foucault.

### **3.2 Análise dos Discursos de Posse dos Presidentes**

Por conseguinte, escolhemos os chefes de Estado (os presidentes da República), a saber: Dilma Vana Rousseff, Luís Inácio Lula da Silva, Fernando Henrique Cardoso e Fernando Affonso Collor de Mello. Diante do pronunciamento dos mandatários, foram identificados pontos nas falas proferidas no parlatório do Congresso Nacional. A partir de agora iremos nos debruçar sobre o corpus documental o qual nos propomos analisar. Vejamos:

#### **3.2.1 Formas de Endereçamento**

[...] queridas brasileiras, queridos brasileiros. Pela decisão soberana do povo, hoje será a primeira vez que a faixa presidencial cingirá o ombro de uma mulher. Sinto uma imensa honra por essa escolha do povo brasileiro e sei do significado histórico desta decisão (ROUSSEFF,

Discurso de Posse proferido no parlatório do Congresso Nacional, em 1º de janeiro de 2011).

[...] Sras. e Srs. Parlamentares, senhoras e senhores presentes a este ato de posse. "Mudança"; esta é a palavra - chave, esta foi à grande mensagem da sociedade brasileira nas eleições de outubro. A esperança finalmente venceu o medo e a sociedade brasileira decidiu que estava na hora de trilhar novos caminhos (SILVA, Discurso de Posse proferido no parlatório do Congresso Nacional, em 1º de janeiro de 2003).

[...] Altas Autoridades da República, Senhoras e Senhores, Venho somar minha esperança a esperança de todos neste dia de conagraçamento. Permitam que, antes do Presidente, fale aqui o cidadão que fez da esperança uma obsessão, como tantos brasileiros (CARDOSO, Discurso de Posse proferido no parlatório do Congresso Nacional, em 1º de janeiro de 1995).

Excelentíssimo Senhor Presidente do Congresso Nacional [...] Senhoras e Senhores, volto a esta Casa, onde vivi período de intenso aprendizado político, para receber o mandato mais honroso e o desafio mais difícil a que um homem público pode aspirar: a presidência do Brasil por delegação do povo (MELLO, Discurso de Posse proferido no parlatório do Congresso Nacional, em 15 de março de 1990).

Em 1º de janeiro de 2011, toma posse Dilma Vana Rousseff, a primeira mulher a ser eleita para o cargo de Presidente em 121 anos de história republicana no Brasil. Em seu primeiro discurso de posse, a presidente Dilma dirigiu – se ao povo brasileiro tratando a população com expressão e iniciando seu discurso com “queridas brasileiras, queridos brasileiros”, sentindo – se honrada por representar a Nação, tendo consciência de que aquele momento representa uma conquista para a história do país enfatizando o mérito da primeira mulher brasileira chegar à Presidência da República pela decisão soberana do povo.

Após ampla batalha nos pleitos eleitorais, finalmente em 1º de janeiro de 2003, Luiz Inácio Lula da Silva assume o cargo de presidente da República, depois de disputar todas as eleições diretas desde 1989. Tomou posse durante sessão conjunta no Congresso Nacional. Em janeiro de 2007, assume pela segunda vez o cargo, após ser reeleito. Portanto, no primeiro discurso de posse de Luís Inácio Lula da Silva, o presidente cumprimenta o povo brasileiro e, em seguida os parlamentares presentes no ato de posse, exaltando em sua fala a palavra “mudança”, designando como palavra – chave explicitada no primeiro parágrafo de seu pronunciamento. Lula falou a todos de forma otimista de um futuro grandioso para o país sobre a dor de um povo sofrido, onde a

esperança finalmente venceu o medo e a sociedade brasileira decidiu que estava na hora certa de trilhar novos caminhos.

No que tange ao ano de 1995, Fernando Henrique Cardoso foi o segundo presidente eleito pelo voto popular e toma posse em 1º de janeiro, no Congresso Nacional. Com a aprovação da Emenda Constitucional que permite a reeleição, é novamente eleito em 1998, e toma posse em 1º de janeiro de 1999. No primeiro discurso de posse do sociólogo Fernando Henrique Cardoso, o então presidente dirigiu – se as altas autoridades da República e depois ao povo instaurando – se uma cenografia em que “presidente” e “povo” como cidadãos transparecendo o princípio da igualdade, utilizando a palavra ‘esperança’ como tópico principal como base e sobre os seus ombros as responsabilidades de um país, não só como presidente da República, mas antes agiria com a determinação patriótica de um filho que sonha esperançoso com um Brasil melhor.

No final da década de 1980 e início dos anos 1990, Fernando Affonso Collor de Mello foi o primeiro Presidente eleito pelo voto popular depois de 25 anos pelos comandantes militares no poder e tomou posse em 15 de março de 1990, em sessão solene no Congresso Nacional, para um mandato de quatro anos, instituído pela Constituição de 1988. Em sua fala inicial o presidente Collor discursa as autoridades políticas enaltecendo o período que viveu no Congresso Nacional ressaltando também seu aprendizado político sentido – se honrado em representar o povo brasileiro no posto de Presidente do Brasil.

### **3.2.2 Projetos de Continuidade e/ou Descontinuidades**

Venho, antes de tudo, para dar continuidade ao maior processo de afirmação que este país já viveu. Venho para consolidar a obra transformadora do presidente Luis Inácio Lula da Silva, com quem tive a mais vigorosa experiência política da minha vida e o privilégio de servir ao país, ao seu lado, nestes últimos anos (ROUSSEFF, Discurso de Posse proferido no parlatório do Congresso Nacional, em 1º de janeiro de 2011).

Durante a campanha não fizemos nenhuma promessa absurda. [...] Como eu tenho uma agenda a ser cumprida, eu queria dizer a todos vocês: amanhã vai ser o meu primeiro dia de governo e eu prometo a cada homem, a cada mulher, a cada criança e a cada jovem brasileiro que o meu governo, o presidente, o vice e os ministros trabalharão, se necessário, 24 horas por dia para que a gente cumpra aquilo que

prometeu a vocês que iria cumprir (SILVA, Discurso de Posse proferido no parlatório do Congresso Nacional, em 1º de janeiro de 2003).

Ao escolher a mim para sucedê-lo [Itamar Franco], a maioria absoluta dos brasileiros fez uma opção pela continuidade do Plano Real, e pelas reformas estruturais necessárias para afastar de uma vez por todas o fantasma da inflação (CARDOSO, Discurso de Posse proferido no parlatório do Congresso Nacional, em 1º de janeiro de 1995).

O Congresso receberá a partir de amanhã, 16 de março de 1990, as primeiras propostas específicas corporificando essa visão e essa estratégia de modernização do Brasil, de reforma do Estado, de recriação das bases do nosso desenvolvimento econômico e social (MELLO, Discurso de Posse proferido no parlatório do Congresso Nacional, em 15 de março de 1990).

Observamos a importância que os presidentes em análise expressam ao relatar fatos que pretendiam/pretendem realizar em seus mandatos. No caso da atual presidente Dilma Vana Rousseff em seu discurso, percebemos o comprometimento de dar continuidade ao sucesso do então governo Lula voltada ao desenvolvimento político, econômico e social do país.

Como afirma Antunes (2005: p.1) em seu artigo, com a sucessão de FHC o Brasil presenciou a vitória de Lula. Em 2002, essa vitória da esquerda sinalizava em alguma dimensão, o principiar da desmontagem da fase neoliberal e, dois anos depois, pôde-se constatar que os elementos de *continuidade* suplantaram completamente os traços de *descontinuidade*, abafando e finalmente ceifando as possibilidades de mudança com o cenário anterior.

Lula em seu discurso argumenta que as promessas absurdas não farão parte de seu governo, e que a agenda será cumprida por todos os atores envolvidos no processo de desenvolvimento social, econômico e político do país, visando cumprir as práticas prometidas em pleito eleitoral.

De acordo com Antunes (2005: p. 2) quando FHC iniciou seu governo, em 1995, deparou-se com uma estabilização e crise em vários setores que abalavam o país. A virulência com que enfrentou tais problemas marcou definitivamente seu governo, sua fisionomia, enfim, os interesses conservadores que dominavam em seu governo. Assim sendo, o presidente FHC expôs a brilhante idéia de continuar o "*Plano Real*" do então presidente Itamar Franco na busca do combate ao fantasma da inflação, tornando – se grande o desafio desse governo pautado na social democracia e liberdade. [...]

A isso eu me dedicarei com toda a energia, como Presidente, contando com o apoio do Congresso, dos estados e de todas as forças vivas da Nação (CARDOSO, 1995).

Collor de Mello com uma visão inovadora de modernização, reforma do Estado e recriação de bases voltada ao desenvolvimento econômico e social do Brasil em seu discurso apresenta certo imediatismo com relação aos trabalhos e projetos de governo. [...] O plano econômico que pus em execução no dia 16 de março é o primeiro passo no cumprimento da promessa que fiz de retomar o desenvolvimento com justiça social. A inflação vai ser debelada. Outros passos virão. Não deixarei de fazer a parte que me cabe. Mas como disse naquela data, na democracia quem salva a nação não é o governo e sim a sociedade. O estado é instrumento sujeito à vontade popular (MELLO, 1990).

Entendemos que todos os presidentes citados demonstraram em seus discursos uma imensa vontade de que tudo dê/desse certo na prática, muitos obstáculos são encontrados e muitas barreiras têm que ser rompidas para que o país caminhe rumo ao desenvolvimento.

### 3.2.3 Compromissos com a Nação

Meu compromisso supremo é honrar as mulheres, proteger os mais frágeis e governar para todos! [...] A luta mais obstinada do meu governo será pela erradicação da pobreza extrema e a criação de oportunidades para todos (ROUSSEFF, Discurso de Posse proferido no parlatório do Congresso Nacional, em 1º de janeiro de 2011).

Quero reafirmar aqui o meu compromisso com a produção, com os brasileiros e brasileiras, que querem trabalhar e viver dignamente do fruto do seu trabalho. Disse e repito: criar empregos será a minha obsessão (SILVA, Discurso de Posse proferido no parlatório do Congresso Nacional, em 1º de janeiro de 2003).

Vou governar para todos. Mas, se for preciso acabar com privilégios de poucos para fazer justiça à imensa maioria dos brasileiros, que ninguém duvide: eu estarei ao lado da maioria (CARDOSO, Discurso de Posse proferido no parlatório do Congresso Nacional, em 1º de janeiro de 1995).

Meu primeiro compromisso inalterável é com a democracia. Ao restaurá-la no Brasil, reatamos com o melhor da nossa tradição de direito, liberdade e justiça [...] é realizar um governo digno das melhores qualidades da nação, um governo capaz de erguer o Brasil à altura do valor de sua gente, e do lugar que merece no concerto das nações (MELLO, Discurso de Posse proferido no parlatório do Congresso Nacional, em 15 de março de 1990).

A Nação é a ideologia de um determinado tipo de Estado (o Estado burocrático centralizado), visto ser justamente o Estado à entidade a que se dirige concretamente o sentimento de fidelidade que a idéia de Nação suscita e mantém. A função da idéia de Nação é a de criar e manter um comportamento de fidelidade dos cidadãos em relação ao Estado. A idéia de “laços naturais profundos” desempenha esta finalidade, inserindo-se na esfera mais íntima da personalidade dos indivíduos, unidos justamente por estes laços.<sup>46</sup>

Sendo assim, atentando para os recortes dos discursos de posse dos presidentes em estudo, verificamos que o compromisso político assumido com a Nação surge de um pensamento principal o de “governar para todos” quebrando paradigmas que assolava e/ou assola a sociedade brasileira.

A primeira saudação feita por Dilma foi às mulheres. Ela disse que sua eleição significou “abrir portas para que muitas outras mulheres, no futuro, possam ser presidentas”, falou também da proteção por parte do seu governo aos mais frágeis, lutar pela erradicação da pobreza extrema e governar com oportunidades iguais para todos. Para ela, o País “está vivendo apenas o início de uma nova era” de desenvolvimento econômico e social. “Pela primeira vez, o Brasil tem a chance de se tornar uma nação desenvolvida”, afirmou.

O presidente Lula se comprometeu com a Nação reafirmando sua obrigação com a produção e geração de emprego e renda para que os brasileiros pudessem viver dignamente do fruto do seu trabalho em seu discurso.

No discurso de posse proferido pelo presidente FHC, o mesmo se propôs acabar com o privilégio que detinham alguns brasileiros fazendo justiça a grande massa que lutavam por melhores condições de vida. E, o presidente reafirma seu compromisso enfatizando que estava do lado da maioria quebrando barreiras e governar para todos. Enquanto no discurso do presidente Collor de Mello, o eleito estava preocupado com a democracia em

---

<sup>46</sup> Baseado em N. Bobbio. Dicionário de Política, vol. 2, p. 797.

manter a tradição de direito, liberdade e justiça para realização de um governo digno capaz de erguer o Brasil a altura do valor de sua gente.

Em suma, os presidentes exaltaram a integridade moral da Nação e a sinceridade que a “autoridade” tem que ter na relação com a população sendo perceptível que o compromisso torna – se mais moral do que os programas de governo.

### 3.2.4 Prioridades de Governo

Serei rígida na defesa do interesse público. Não haverá compromisso com o erro, o desvio e o malfeito. A corrupção será combatida permanentemente, e os órgãos de controle e investigação terão todo o meu respaldo para atuarem com firmeza e autonomia (ROUSSEFF, Discurso de Posse proferido no parlatório do Congresso Nacional, em 1º de janeiro de 2011).

São eles: cuidar da educação, cuidar da saúde, fazer a reforma agrária, cuidar da previdência social e acabar com a fome neste país são compromissos menos programáticos e mais compromissos morais e éticos [...] O combate à corrupção e a defesa da ética no trato da coisa pública serão objetivos centrais e permanentes do meu Governo (SILVA, Discurso de Posse proferido no parlatório do Congresso Nacional, em 1º de janeiro de 2003).

As prioridades que propus ao eleitor, e que a maioria aprovou, são aquelas que repercutem diretamente na qualidade de vida das pessoas: emprego, saúde, segurança, educação, produção de alimentos (CARDOSO, Discurso de Posse proferido no parlatório do Congresso Nacional, em 1º de janeiro de 1995).

Procurarei cingir – me a tópicos essenciais, para que tenham diante de si, com nitidez, os grandes temas de meu programa, consagrados pelos votos majoritários de novembro e dezembro de 1989. São eles: democracia e cidadania; a inflação como inimigo maior; a reforma do Estado e a modernização econômica; a preocupação ecológica, o desafio da dívida social; e, finalmente, a posição do Brasil no mundo contemporâneo (MELLO, Discurso de Posse proferido no parlatório do Congresso Nacional, em 15 de março de 1990).

Ao longo de seu discurso, Dilma listou vários pontos que deverão receber atenção especial do governo, como: o combate à corrupção, a melhoria dos serviços e dos investimentos públicos, a garantia de liberdade de imprensa, de opinião e religiosa e a lisura com os recursos públicos, não sendo conivente com erros e o mal feitos.

Enquanto Lula listou vários dispositivos importantes a serem cumpridos em seu primeiro mandato, tais como: o combate a corrupção, a defesa da ética, educação, saúde, reforma agrária e previdência social, bem como acabar com

a fome no país. Analisando os discursos dos presidentes Dilma e Lula, percebemos que os mesmos projetos se repetem nas categorias referentes ao desenvolvimento do país, tendo em vista que a mesma dará seqüência ao governo do ex-presidente, afirmou.

Fernando Henrique Cardoso, ao tomar posse no primeiro mandato prometeu manter a estabilidade econômica, o que de fato fez também garantiu que iria debelar a crise econômica que se abateu sobre o país. [...] Não fui eleito para ser o gerente da crise. Fui escolhido pelo povo para superá-la e para cumprir minhas promessas de campanha, dando prioridade a geração de emprego, uma saúde melhor, mais segurança, educação e uma qualidade de vida melhor para a população brasileira (CARDOSO, 1995).

No discurso do presidente Fernando Collor, observamos idéias e medidas com a elaboração de projetos que visam o controle da inflação, a modernização e a reforma econômica do Estado, a preocupação ecológica e o grande desafio da dívida social para que o crescimento e o desenvolvimento do país se desse de forma intensiva e sustentável voltados a democracia e o exercício da cidadania.

A década iniciada com o governo de Fernando A. Collor de Mello, no Brasil, no início da década de 1990, nos legou um brutal processo de privatização, um amplo leque de desregulamentações, um intenso processo de reestruturação, um vasto movimento de financeirização e um enorme e desmesurado ritmo de precarização social (ANTUNES, 2005: p.2).

O presidente Collor de Mello colocou em jogo um conjunto de reformas que tem como origem e comprovação do esgotamento financeiro da máquina (Estado) e da redução do déficit público advindo de outros governos republicanos anteriormente. Diante de tal quadro de assolação do país, as soluções propostas por Mello em seu programa de governo e, como prioridade, foram anunciadas em seu discurso de posse.

### **3.2.5 Comprometimento com Programas Sociais**

Junto com a erradicação da miséria, será prioridade do meu governo a luta pela qualidade da educação, da saúde e da segurança [...] Não vou descansar enquanto houver brasileiros sem alimentos na mesa, enquanto houver famílias no desalento das ruas, enquanto houver

crianças pobres abandonadas à própria sorte. O conagraçamento das famílias se dá no alimento, na paz e na alegria. E este é o sonho que vou perseguir! (ROUSSEFF, Discurso de Posse proferido no parlatório do Congresso Nacional, em 1º de janeiro de 2011).

[...] e tenho fé em Deus que a gente vai garantir que todo brasileiro e brasileira possa, todo santo dia, tomar café, almoçar e jantar (SILVA, Discurso de Posse proferido no parlatório do Congresso Nacional, em 1º de janeiro de 2003).

Nós, brasileiros, somos um povo solidário. Vamos fazer desse sentimento a mola de grande mutirão nacional, unindo o governo e comunidade para varrer o mapa do Brasil a fome e a miséria (CARDOSO, Discurso de Posse proferido no parlatório do Congresso Nacional, em 1º de janeiro de 1995).

A finalidade maior de meu governo é libertar o Brasil da vergonha da miséria e da injustiça [...] Meu governo se propõe precisamente eliminar esse hiato entre discurso e prática modernizantes (Palmas.) (MELLO, Discurso de Posse proferido no parlatório do Congresso Nacional, em 15 de março de 1990).

Considerada “mãe do PAC” no governo do ex-presidente Lula, a presidente Dilma Vana Rousseff enfatiza em seu pronunciamento que a prioridade do seu governo será a “erradicação da miséria” e que lutará pela a qualidade da educação, saúde e segurança, para ela o conagraçamento das famílias se dá no alimento, na paz e na alegria. A presidente afirma ainda, que este é o seu sonho e o compromisso que vai perseguir na busca de um país melhor.

O presidente Lula em seu primeiro discurso no parlatório no Congresso Nacional reafirma a sua fé em Deus e se compromete lutar para que o brasileiro possa ter alimento em sua mesa todos os dias, sendo o ponto alto do seu governo o combate a fome. Enquanto o PAC foi à estrela do segundo mandato, no primeiro o mote foi o combate à fome. [...] Como disse em meu primeiro pronunciamento após a eleição, se, ao final do meu mandato, todos os brasileiros tiverem a possibilidade de tomar café da manhã, almoçar e jantar, terei cumprido a missão da minha vida (SILVA, 2003).

O presidente Cardoso, se compromete varrer do mapa do Brasil a fome e a miséria unindo forças com a comunidade brasileira e o governo.

No discurso de posse de 15 de março de 1990, o presidente Collor se compromete libertar o Brasil da miséria e da injustiça, o que para ele era uma vergonha eliminando as distâncias entre discurso e prática.

O início dos anos 90, no Brasil, foi profundamente marcado pelos embates entorno da consolidação do discurso e das práticas políticas que postulavam o ideário neoliberal como saída para então crise que o país atravessava. Em meio às disputas eleitorais de 1989, a agenda neoliberal assume papel de destaque e acaba por polarizar a sociedade brasileira, onde temas como reforma do Estado, privatizações, distribuição de renda, déficit público, pautaram as estratégias eleitorais (ANTUNES, 2005: p.3).

### 3.2.6 Participação das Elites

Disse, no início deste discurso, que eu governarei para todos os brasileiros e brasileiras. E vou fazê-lo [...] A partir deste momento sou a presidenta de todos os brasileiros, sob a égide dos valores republicanos (ROUSSEFF, Discurso de Posse proferido no parlatório do Congresso Nacional, em 1º de janeiro de 2011).

Eu não sou o resultado de uma eleição. Eu sou o resultado de uma história. Eu estou concretizando o sonho de gerações e gerações que, antes de mim, tentaram e não conseguiram (SILVA, Discurso de Posse proferido no parlatório do Congresso Nacional, em 1º de janeiro de 2003).

Eu acredito que o Brasil tem um lugar reservado entre os países bem-sucedidos do planeta no próximo século. E estou convencido de que os únicos obstáculos importantes que nós enfrentaremos para ocupar esse lugar vêm dos nossos desequilíbrios internos - das desigualdades externas entre regiões e grupos sociais (CARDOSO, Discurso de Posse proferido no parlatório do Congresso Nacional, em 1º de janeiro de 1995).

Há elites responsáveis, modernas e criadoras, legitimadas pela eficiência e pela qualificação. E há elites anacrônicas, atrasadas, que não hesitam em posar como donas do nacionalismo ou do liberalismo enquanto vivem à sombra de privilégios cartoriais, defendendo interesses do mais puro particularismo (MELLO, Discurso de Posse proferido no parlatório do Congresso Nacional, em 15 de março de 1990).

Além de repetir o que havia dito em seu primeiro discurso depois de eleita, em 31 de outubro de 2010, quando disse: governarei para todos e serei a presidente de todos os brasileiros e brasileiras. Dilma se dispõe a “estender a mão à oposição”. A militante cobrou a mobilização de toda a população para avançar nas reformas propostas. Disse: [...] É importante lembrar que o destino de um país não se resume à ação de seu governo. Ele é o resultado do trabalho e da ação transformadora de todos os brasileiros e brasileiras. O Brasil

do futuro será exatamente do tamanho daquilo que juntos fizermos por ele hoje, do tamanho da participação de todos e de cada um, dos movimentos sociais, dos que labutam no campo, dos profissionais liberais, dos trabalhadores e dos pequenos empreendedores, dos intelectuais, dos servidores públicos, dos empresários, das mulheres, dos negros, dos índios, dos jovens, de todos aqueles que lutam para superar distintas formas de discriminação (ROUSSEFF, 2011). Neste tópico percebemos que a presidente Dilma convida toda a elite brasileira para a construção de um país desenvolvido e digno a todos os brasileiros.

Em seu discurso de posse o presidente Lula quer conduzir o povo brasileiro, os que elegeram e também aqueles que não o elegeram, pois é presidente de todos, dentro de um acontecimento da mudança e da transformação do país, conclama a todos. [...] e eu estou aqui, neste dia sonhado, portanto e gerações e lutadores que vieram antes de nós para reafirmar os meus compromissos mais profundos e essenciais, para reiterar a todo cidadão e cidadã do meu País o significado de cada palavra dita na campanha, para imprimir à mudança de um caráter de intensidade prática, para dizer que chegou à hora de transformar o Brasil naquela nação com a qual a gente sempre sonhou (SILVA, 2003).

Fernando Henrique Cardoso acredita em novas formas de vencer os descasos políticos, econômicos e sociais. Como Presidente, governará para todos os brasileiros acreditando no país. Para ele, os desequilíbrios internos e as desigualdades externas entre as regiões e grupos sociais dificultam o desenvolvimento e o progresso do Brasil, e uma forma ideal representativa da democracia seria solucionar os problemas encontrados numa democracia liberal, enfatizando princípios para uma construção de estado de bem estar social e conquistar um lugar reservado entre os países bem sucedidos do planeta.

No pronunciamento do presidente Collor, o economista refere – se a elites modernas e anacrônicas que posam como donas do nacionalismo e/ou do liberalismo que vive a sombra de privilégios defendendo interesses do mais puro particularismo. Ele afirma ainda que [...] somos uma sociedade em que, infelizmente, o cinismo e a ganância das elites egoístas com frequência

prevaleceram sobre a sensibilidade e a correção das elites responsáveis, onde não há regime democrático, não há economia de mercado, não há estabilidade social capaz de resistir indefinidamente à paralisia da história. Ou alteramos já o curso das relações de trabalho, dando condições dignas de vida à maioria do povo brasileiro, ou nos condenamos a um desvio cujo final pode ser trágico (MELLO, 1990).

### 3.2.7 Ideologia da Social Democracia

Uma democracia vibrante e moderna, plena de compromisso social, liberdade política e criatividade institucional. Queridos brasileiros e queridas brasileiras, para enfrentar estes grandes desafios é preciso manter os fundamentos que nos garantiram chegar até aqui. Mas, igualmente, agregar novas ferramentas e novos valores (ROUSSEFF, Discurso de Posse proferido no parlatório do Congresso Nacional, em 1º de janeiro de 2011).

Peço a Deus sabedoria para governar, discernimento para julgar, serenidade para administrar, coragem para decidir e um coração do tamanho do Brasil para me sentir unido a cada cidadão e cidadã deste País no dia-a-dia dos próximos quatro anos. Viva o povo brasileiro! (*Palmas prolongadas.*) (SILVA, Discurso de Posse proferido no parlatório do Congresso Nacional, em 1º de janeiro de 2003).

Assim eu vi meus filhos nascerem meus netos, sonhando e lutando para divisar o dia em que o desenvolvimento, liberdade e justiça - justiça, liberdade e desenvolvimento - andariam juntos nesta terra. Recuperamos aquele que deve ser o bem mais precioso de um povo: a liberdade (CARDOSO, Discurso de Posse proferido no parlatório do Congresso Nacional, em 1º de janeiro de 1995).

A cidadania é o direito do indivíduo na convivência republicana; na liberdade como diálogo e na justiça como respeito mútuo entre as pessoas e os grupos. Por isso me esforçava por governar sem jamais perder de vista o valor do cidadão (*Palmas.*) (MELLO, Discurso de Posse proferido no parlatório do Congresso Nacional, em 15 de março de 1990).

No discurso da presidenta Dilma, percebemos uma nova forma de pensar, compromissada com o desenvolvimento do país a luz dos trabalhos realizados no governo Lula voltada ao social e a liberdade política para enfrentar os desafios futuros. Segundo Dilma, [...] os trabalhadores desse país, estão cansados da distância entre a retórica e a realidade, e exigiram liberdade e participação, pois sabem que o único caminho consistente para os frutos do desenvolvimento desenha-se quando a sociedade passa verdadeiramente a

tomar parte nas decisões sobre o seu destino (ROUSSEFF, 2011). Assim entendemos que os direitos dos trabalhadores, a democracia e o progresso são partes inseparáveis da construção de um estado moderno e justo.

O pronunciamento do presidente Lula ao qual nos referimos é um discurso que se atém à sobrevivência. Trata – se de uma fala do ponto de vista do poder, portanto, passível de persuasão, dadas as circunstâncias em que esse discurso é produzido. O operário e sindicalista conhecia a realidade de um povo sofrido, viu de perto e sabe bem que essa é uma ponte que o aproxima mais do povo, uma ponte que atravessa com seu discurso: ele fala então, do lugar de presidente, mas de um presidente que já esteve ao lado daqueles que lutam pela sobrevivência e que ao falar entra em sintonia com as vozes de inúmeros brasileiros. Por isso pede sabedoria a Deus para governar, discernimento para julgar, serenidade para administrar, coragem para decidir e um coração do tamanho do Brasil para unir-se cada vez mais dos brasileiros.

Notamos no discurso de FHC que o presidente passou parte de sua vida sonhando com o progresso de seu país onde justiça, liberdade e desenvolvimento andariam juntos. E, durante longos anos vislumbrou uma jornada em que se confundiam a resistência ao autoritarismo, e as lutas por liberdade política e justiça social. E como todos os capítulos da história, por mais infelizes, também esse período serviu para cristalizar ao menos uma lição: [...] a democracia é condição indispensável à concretização dos ideais de progresso dos trabalhadores (CARDOSO, 1995).

Collor de Mello afirma que a democracia devolveu a liberdade ao cidadão. Para o presidente, o desenvolvimento deve agora trazer a dignidade e o bem-estar ao trabalhador. Esse é o grande desafio para todas as sociedades do mundo que, como a nossa, experimentam momento de intensas transformações políticas: respeitar integralmente os direitos do cidadão, da pessoa humana, assegurando-lhe plena participação na vida da coletividade e ao mesmo tempo atender as mais legítimas aspirações de todos na justa retribuição por seu esforço.

O jornal da Câmara (2011) tem o papel fundamental de informar aos brasileiros todos os ‘fatos’ relevantes que perpassaram e perpassam a história do Brasil através dos discursos de seus presidentes. Sendo assim,

nesses 121 anos de história republicana, o Brasil já teve 36 presidentes, e a maioria deles deixou registrado pelo menos um discurso de posse, feito no Congresso Nacional ou em outro local. Rever esses discursos, de Deodoro da Fonseca a Luiz Inácio Lula da Silva, no momento em que a presidente Dilma Rousseff assume o mandato, é um exercício interessante para entender melhor a história do País.<sup>47</sup>

Partindo desse pressuposto, é interessante pensarmos que esses 121 anos de República de usos e abusos foram formidáveis para análise e construção da identidade republicana brasileira, pautados nos princípios da Democracia, Liberdade e Justiça Social para uma Transição Democrática.

Entretanto, seria preciso realizar um longo percurso, o que se constituiria em um amplo estudo à parte. Deste modo, optamos fazê-la de forma sucinta até porque, assim como Bourdieu (1998: p.29) acreditamos que: [...] as realidades históricas são sempre enigmáticas e sempre difíceis de decifrar, mesmo sob sua aparente evidência.<sup>48</sup>

Deste modo, se faz necessário uma breve contextualização sobre esta importante década onde após o período ditatorial instaurado em 1964, o país testemunhou no ano de 1985 o fim da primeira fase da Transição Democrática brasileira, com a saída dos militares do governo e a eleição indireta de Tancredo Neves, que acabou falecendo antes de receber posse no Congresso Nacional, assumindo em seu cargo o vice, José Sarney.

O jornal da Câmara destacou sucintas considerações sobre as palavras do então presidente Tancredo Neves, cujo teor segue na íntegra:

Palavras de Tancredo – Implantada a democracia, o próximo presidente eleito, um civil, não teria a oportunidade de assumir o cargo. Tancredo Neves adoeceu na véspera da posse e o seu vice, José Sarney, leu por ele um pronunciamento feito para abrir a primeira reunião do Ministério da Nova República. Na cerimônia de posse, no Congresso Nacional, Sarney fez apenas o juramento [...] O texto escrito para ser lido por Tancredo mostra a obsessão do presidente com a política econômica. "Não abrirei mão da posição de condutor da política econômica do País e não permitirei que o ministério se divida em dois: os comprometidos com a austeridade e os comprometidos com os gastos. "Tancredo também defendia a reforma tributária e a proteção da poupança popular, corroída pela inflação, abrirei mão da posição de condutor da política econômica do País e não permitirei que o ministério se divida em dois: os

<sup>47</sup>Primeiro discurso de cada mandatário revela a trajetória republicana do país, Jornal da Câmara, Ano 12, Janeiro de 2011, Edição Especial, nº 2554, p.8.

<sup>48</sup>Informações extraídas do Livro de BOURDIEU, Pierre. O poder simbólico. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. 1998, p.29.

comprometidos com a austeridade e os comprometidos com os gastos.<sup>49</sup>

De acordo como o jornal da Câmara (2011) o texto escrito para ser lido por Tancredo Neves mostra a obsessão do então presidente com a política econômica. “Não abrirei mão da posição de condutor da política econômica do País e não permitirei que o ministério se divida em dois: os comprometidos com a austeridade e os comprometidos com os gastos.” Tancredo também defendia a reforma tributária e a proteção da poupança popular, corroída pela inflação.

A partir desse texto exposto no jornal, basta então ficarmos ligados e/ou atentos a palavras chaves e conceitos com presença marcante nos discursos de posse dos presidentes sobre a ideologia da Democracia Social, como: os princípios de Liberdade, Democracia e Compromisso com uma sociedade mais “justa” para a construção de um estado de bem-estar social.

---

<sup>49</sup>Primeiro discurso de cada mandatário revela a trajetória republicana do país, Jornal da Câmara, Ano 12, Janeiro de 2011, Edição Especial, nº 2554, p. 9.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para feitura deste trabalho monográfico, pontos fundamentais foram levantados em nossa pesquisa, num primeiro momento, foi de suma importância recuperamos o contexto sócio-histórico de produção dos discursos, objeto da temática proposta. No entanto, é inconcebível falar – se de trajetória do contexto político, sem debater a questão primordial que leva a sua busca, desse modo, chegamos ao termo definidor do campo conceitual de nossa proposta: *O Discurso*.

Dilma Vana Rousseff, Luís Inácio Lula da Silva, apresentam discursos parecidos tendo em vista que a presidenta faz parte de uma mesma ideologia partidária propondo dar sequência ao governo anterior. Fernando Henrique Cardoso e Fernando A. Collor de Mello apresentam discursos díspares. Porém, num contexto político, o “parecer diferente” pode significar o “ser igual” por meio de uma maquiagem ideológica. Por outro lado, não se pode conferir a todos os candidatos eleitos em bases populares as mesmas características.

Percebe – se também que, boa parte dos candidatos eleitos por delegação do povo até hoje possuem traços messiânicos, populistas e carismáticos em seus discursos de posse. Entretanto, a análise dos discursos de cada mandatário, nos revelou como a busca pela identidade supera a realidade ideológica de cada agremiação política.

A fim de verificar a identidade dos presidentes, construídos em seus discursos de posse, optamos por apresentar alguns fragmentos dos mesmos e os possíveis efeitos de sentidos criados por estes. A forma como definem os dispositivos em seus discursos fornecem pistas para sua construção e reconstrução da identidade. Todos os discursos deixaram transluzir a ideologia do partido a qual pertence, denotando a idéia de fidelidade partidária.

Vislumbramos também, nos discursos de posse a presença marcante da ideologia da Social Democracia, vistas através dos princípios de liberdade, igualdade, justiça para a construção de um estado de “bem estar social”.

Não cabe a esta análise encerrar a discussão acerca do teor dos discursos de posse dos presidentes. Porém, esta repetição nos leva a uma

reflexão com relação aos rumos que o país tomará no que tange a unicidade dos discursos presidenciais. No entanto, percebemos que, enquanto Dilma e Lula falam as massas com um português simples e cheios de metáforas, FHC e Collor têm um discurso mais elaborado, menos inteligível e direcionador a elite. Dessa forma, os discursos de posse dos presidentes revelaram não só suas propostas, mas principalmente suas filiações ideológicas e práticas discursivas de que emanam, propiciando aos leitores uma reflexão acerca da malha política e ideológica tecida nos bastidores do governo.

Alguns fatos que marcaram os mandatos desses presidentes foram antecipados no discurso inaugural de seus mandatos. Chamando a atenção para os conflitos entre discurso e prática. Há questões que geram uma série de indagações como a coerência do sujeito ao expressar suas idéias e pensamentos, principalmente no meio político onde nos deparamos com discursos ora semelhante ora controversos, na medida em que apresentam uma dose de dispersão ao se compromissarem e, ao mesmo tempo, com idéias ligadas a paradigmas diferentes, até mesmo opostas principalmente quando atingem questões de esquerda e finalizam a gestão não cumprindo as promessas/propostas feitas em público.

Em suma, propomos pensar que esses 121 anos de República foram importantes para análise e construção da identidade republicana brasileira pautada nos princípios e na Transição Democrática Social.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTUNES, Ricardo. **A desertificação neoliberal no Brasil** (Collor, FHC e Lula). Campinas, Autores Associados, 2004.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. 1998.

BOBBIO, Norberto. **Dicionário de Política**. Brasília. Ed. UNB, 2000.

BUENO, Eduardo. **Brasil: uma História - a incrível saga de um país**. São Paulo. 1ª edição. Editora: Ática, 2003.

CAVALCANTI, Luiz Otávio. **O que é o governo Lula**. São Paulo: Landy Livraria Editora e Distribuidora Ltda, 2003.

Cardoso e Pompeu de Toledo, Roberto. **O presidente segundo o sociólogo**. São Paulo: Cia. das Letras, 1998.

CARDOSO, Fernando Henrique. **Cartas a um jovem político**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2006.

CARDOSO, Fernando Henrique. **Discurso de Posse**. 1995 e 1999. Disponível em: <<http://www2.camara.gov.br/atividade-legislativa/plenario/discursos>>.

Acesso em: 16 de mai. 2011.

CARVALHO, Luís Maklouf. **As armas e os varões: A educação política e sentimental de Dilma Rousseff**. Piauí. Abril de 2009, nº 31.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**. Rio de Janeiro: Vozes, 1996.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do Saber**. 12ª edição. São Paulo, Forense Universitário, 1986.

\_\_\_\_\_. **A Hermenêutica do Sujeito**. Ed. Martins Fontes. São Paulo, 2004.

\_\_\_\_\_. **A Ordem do Discurso**. 16ª edição. São Paulo, Edições Loyola, 2008.

\_\_\_\_\_. (1986a) **A arqueologia do saber**. 12ª edição. São Paulo, Forense Universitária.

\_\_\_\_\_. (1986b) **La verdade y las formas jurídicas**. México, Gedisa.

HOUAISS, Antônio. **Minidicionário de língua portuguesa**. Rio de Janeiro. Objetiva, 2009.

LAROSSA, Jorge. Ler é Traduzir. In: **A Linguagem e Educação depois de Babel**. Traduzido por Cyntia Farina. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

MENDES, Candido. **Lula: a opção mais que o voto**. Rio de Janeiro: Garamond, 2002.

MELLO, Fernando A. Collor de. **Discurso de Posse**.1990. Disponível em: <<http://www2.camara.gov.br/atividade-legislativa/plenario/discursos>>. Acesso em: 10 de mai. De 2011.

PENSAVENTO, Sandra Jatahy. **História e História Cultural**. Editora: Autentica 2003.

Presidência da República Federativa do Brasil. Disponível em: [http://www.presidencia.gov.br/info\\_historica](http://www.presidencia.gov.br/info_historica). Acesso em 03 de jun. 2011.

RAGO, Margareth. **O efeito - Foucault na historiografia brasileira**. Tempo Social; Ver. Sociol. USP, S. Paulo, 1995.

REIS, José Carlos. **As identidades do Brasil: de Vanhagen a FHC**. 8ª ed. \_\_\_\_\_ Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

ROUSSEFF, Dilma Vana. **Discurso de Posse**. 2011. Disponível em: <<http://www2.camara.gov.br/atividade-legislativa/plenario/discursos>>. Acesso em: 16 de mai. 2011.

SILVA, Luis Inácio Lula da. **Discurso de Posse**. 2003 e 2007. Disponível em: <<http://www2.camara.gov.br/atividade-legislativa/plenario/discursos>>. Acesso em: 16 de mai. 2011.

SILVA, Tomaz Tadeu (org. e trad.). **A produção social da identidade e da diferença**. In: *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000.

WEFFORT, Francisco. **"O intelectual das identidades complexas"**. In: *A utopia viável*, 2007.